

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

LUCIANA SARATT DA SILVA

**AS REACENTUAÇÕES AXIOLÓGICAS DA BANDEIRA NACIONAL E DA CAMISETA DA SELEÇÃO:
OS SIGNOS IDEOLÓGICOS COMO FONTE IDENTITÁRIA DA DIREITA BRASILEIRA**

Porto Alegre
2021

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

LUCIANA SARATT DA SILVA

**AS REACENTUAÇÕES AXIOLÓGICAS DA BANDEIRA NACIONAL E DA CAMISETA DA SELEÇÃO:
OS SIGNOS IDEOLÓGICOS COMO FONTE IDENTITÁRIA DA DIREITA BRASILEIRA**

Porto Alegre
2021

Ficha Catalográfica

S586r Silva, Luciana Saratt da

As reacentuações axiológicas da bandeira nacional e da camiseta da seleção : os signos ideológicos como fonte identitária da direita brasileira / Luciana Saratt da Silva. – 2021.

91.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Primo Delanoy.

1. Círculo de Bakhtin. 2. Signos ideológicos. 3. Bandeira nacional. 4. Camiseta da seleção. 5. Reacentuação axiológica. I. Delanoy, Cláudio Primo. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecária responsável: Clarissa Jesinska Selbach CRB-10/2051

LUCIANA SARATT DA SILVA

As reacentuações axiológicas da bandeira nacional e da camiseta da seleção: os signos ideológicos como fonte identitária da direita brasileira

Dissertação apresentada como requisito para obtenção de grau de mestre pelo programa de Pós-Graduação em Letras da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Área de concentração: Linguística

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Primo Delanoy

Porto Alegre
2021

LUCIANA SARATT DA SILVA

As reacentuações axiológicas da bandeira nacional e da camiseta da seleção: os signos ideológicos como fonte identitária da direita brasileira

Dissertação apresentada como requisito para obtenção de grau de mestre pelo programa de Pós-Graduação em Letras da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Área de concentração: Linguística

Aprovada em: _____ de _____ de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Cláudio Primo Delanoy - Orientador

Prof.^a Dra. Maria da Glória Corrêa Di Fanti - PUCRS

Prof.^a Dra. Laura Lorena Utrera – Universidad Nacional de Rosario

Aos meus pais, que não tiveram nem mesmo a possibilidade de concluir o ensino fundamental, mas me ensinaram que educação é possibilidade de mudança.

AGRADECIMENTOS

A noção compartilhada do gênero agradecimento pressupõe que nomes sejam citados. Todavia, por haver na arquitetura deste trabalho vários outros, não os citarei diretamente, mas cada leitor saberá a sua importância na travessia que me propus a percorrer. Diante disso, agradeço a todas e todos. Aos amigos, que sempre me incentivaram e choraram comigo quando preciso foi. Aos professores, que atravessaram o meu caminho, semeando em mim o saber docente e pesquisador. Ao incrível orientador que com muita calma e conhecimento direcionou minha iniciação à pesquisa, do TCC à dissertação; faltam-me palavras para agradecer-lhe. Às professoras que aceitaram compor a banca examinadora, imergindo em todas as linhas da minha escrita e sendo, também, guias na construção deste trabalho. Aos familiares, por suportarem e entenderem as minhas ausências.

Ao CNPq e à sociedade brasileira, financiadores da minha pesquisa. Por fim, parafraseando Mercedes Sosa, *gracias a la vida, que me ha dado tanto*.

JÁ LAVEI VÁRIAS
VEZES, NÃO SAIU O
CHEIRO DE COXINHA!!!



A palavra é capaz de fixar todas as fases transitórias das mudanças sociais,
por mais delicadas e passageiras que elas sejam.

(VOLÓCHINOV, 2018)

Eu continuo a ver [...]
Hoje é hoje, amanhã será amanhã, é hoje que tenho a responsabilidade,
Responsabilidade de quê, A responsabilidade de ter olhos quando os outros
os perderam.

(SARAMAGO, 1995)

RESUMO

A presente pesquisa consiste em examinar o centro axiológico que passou a circundar a bandeira nacional e a camiseta da seleção brasileira de futebol após o uso desses signos ideológicos em atos a favor do *impeachment* de Dilma Rousseff (2013 – 2016) e em defesa do presidente Jair Bolsonaro (2019 – 2020). Portanto, sob a hipótese de que esses signos ideológicos foram reacentuados, outros objetivos se fracionam e presidem este trabalho, a saber: i) compreender de que maneira a bandeira nacional e a camiseta da seleção foram reacentuadas axiologicamente; ii) verificar as refrações potencializadas pela reacentuação dos signos ideológicos e iii) examinar enunciados concretos que, emergentes da reacentuação da bandeira nacional e da camiseta da seleção, evidenciam uma tensão discursiva. A fim de contemplar tais objetivos, tendo em vista que essa reacentuação é evidenciada por meio do discurso, foram analisados, ancorando-se nos postulados do Círculo de Bakhtin, quatro enunciados concretos que versam acerca do uso da bandeira e da camiseta. Para selecioná-los, realizou-se uma busca no *twitter* a partir dos termos *camiseta da seleção e bandeira do Brasil*. A referida busca foi realizada a partir do dia 2 de maio de 2020 porque nessa data houve, em Brasília, um protesto no qual os brasileiros presentes usavam a bandeira e a camiseta. Tendo em vista que esses signos ideológicos foram usados também em outros atos, justifica-se a escolha desse protesto devido à gravidade da agenda defendida nele: o fechamento do Congresso Nacional e um novo AI 5. Assim, a partir dessa busca em contas públicas do *twitter*, foram selecionados os quatro primeiros enunciados que evidenciam a reacentuação dos signos ideológicos. Após a coleta, esses enunciados foram analisados em relação a outros discursos e a partir dos seguintes conceitos bakhtinianos: dialogismo, enunciado concreto, signo ideológico, forças centrífugas/centrípetas, ênfase valorativa, avaliação social e coro de apoio. Optou-se por usar a perspectiva bakhtiniana e os referidos conceitos porque permitem examinar as distintas axiologizações projetadas sobre a bandeira e a camiseta. Destaca-se que a presente pesquisa possui potencial colaborativo para a compreensão desse movimento sociopolítico que suscita uma polarização social, sublinhando-se, ainda, a carência de estudos acadêmicos cujo escopo seja a presente temática, o que sobreleva a relevância deste trabalho. Durante o movimento investigativo, observou-se que a reacentuação da bandeira nacional e da camiseta da seleção ecoa um centro axiológico que projeta esses signos ideológicos como fonte identitária da direita brasileira. Ademais, evidenciou-se que, ao perfazer enunciações a respeito do uso dos signos ideológicos, forças centrípetas potencializam a fragmentação do país em dois Brasis: os verde- amarelos *versus* os vermelhos.

Palavras-chave: Círculo de Bakhtin. Signos ideológicos. Bandeira nacional. Camiseta da seleção. Reacentuação axiológica.

RESUMEN

La presente investigación consiste en examinar el centro axiológico que llegó a rodear la bandera nacional y la camiseta de la selección brasileña de fútbol después del uso de estos signos ideológicos en actos a favor de la acusación de Dilma Rousseff (2013 - 2016) y en defensa del presidente Jair Bolsonaro (2019 - 2020). Por lo tanto, bajo el supuesto de que estos signos ideológicos fueron reenfanzados, otros objetivos se dividen y presiden este trabajo, a saber: i) comprender cómo se reenfanza axiológicamente la bandera nacional y la camiseta de la selección nacional; ii) verificar las refracciones potencializadas por la reconcentración de signos ideológicos y iii) examinar enunciados concretos que, derivados de la reconcentración de la bandera nacional y la camiseta de selección, muestran una tensión discursiva. Para contemplar tales objetivos, teniendo en cuenta que esta reconcentración se evidencia mediante el discurso, anclado en los postulados del Círculo de Bakhtin, se analizaron cuatro enunciados concretos que tratan sobre el uso de la bandera y la camiseta. Para seleccionarlos, se realizó una búsqueda en *twitter* usando los términos camiseta de la selección nacional y bandera brasileña. Esta búsqueda se realizó a partir del 2 de mayo de 2020 porque en esa fecha, en Brasilia, hubo una protesta en la que los brasileños presentes lucieron la bandera y la camiseta. Teniendo en cuenta que estos signos ideológicos también fueron utilizados en otros actos, la elección de esta protesta se justifica por la gravedad de la agenda que en ella se defiende: el cierre del Congreso Nacional y una nueva IA 5. Así, a partir de esta búsqueda en las cuentas públicas del *twitter*, se seleccionaron las cuatro primeras declaraciones que muestran la reconcentración de signos ideológicos. Después de la recopilación, estas declaraciones fueron analizadas en relación con otros discursos y con base en los siguientes conceptos bakhtinianos: dialogismo, declaración concreta, signo ideológico, fuerzas centrífugas / centrípetas, énfasis evaluativo, evaluación social y coro de apoyo. Elegimos utilizar la perspectiva bakhtiniana y estos conceptos porque nos permiten examinar las diferentes axiologizaciones proyectadas en la bandera y la camiseta. Es de destacar que la presente investigación tiene un potencial colaborativo para la comprensión de este movimiento sociopolítico que plantea una polarización social, enfatizando, además, la falta de estudios académicos cuyo alcance es el presente tema, lo que supera la relevancia de este trabajo. Durante el movimiento investigador, se observó que el re izado de la bandera y la camiseta se hace eco de un centro axiológico que proyecta estos signos ideológicos como fuente identitaria de la derecha brasileña. Además, se hizo evidente que, al hacer declaraciones sobre el uso de signos ideológicos, las fuerzas centrípetas potencian la fragmentación del país en dos Brasil: amarillo-verde versus rojo.

Palabras clave: Círculo de Bajtín. Signos ideológicos. Bandera nacional. Camiseta de La selección. Reconcentración axiológica.

ABSTRACT

This research consists of examining the axiological center that came to surround the national flag and the jersey of the Brazilian soccer team after the use of these ideological signs in political gatherings favorable to the impeachment of Dilma Rousseff (2013 - 2016) and in defense of President Jair Bolsonaro (2019 - 2020). Therefore, under the assumption that these ideological signs have been re-accentuated, other objectives are divided and preside over this work, namely: i) to understand how the national flag and the national team's jersey were axiologically re-accentuated; ii) to verify the refractions potentialized by the re-accentuation of these ideological signs and iii) to examine concrete statements which, arising from the re-concentration of the national flag and the national soccer team's jersey, convey discursive tension. In order to contemplate such objectives, bearing in mind that this re-concentration is evidenced through the discourse, anchoring on the postulates of the Bakhtin Circle, four concrete statements were analyzed that deal with the use of the flag and the T-shirt. To select them, a search was made on twitter using the terms national team t-shirt and Brazilian flag. This search was carried out from May 2, 2020 because on that date, in Brasilia, there was a protest in which the Brazilians present wore the flag and the T-shirt. Bearing in mind that these ideological signs were also used in other acts, the choice of this protest is justified due to the gravity of the agenda defended in it: the closing of the National Congress and a new AI 5. Thus, from this search in public accounts of the twitter, the first four statements were selected that show the re-concentration of ideological signs. After collection, these statements were analyzed in relation to other speeches and based on the following Bakhtinian concepts: dialogism, concrete statement, ideological sign, centrifugal / centripetal forces, evaluative emphasis, social evaluation and support chorus. We chose to use the Bakhtinian perspective and these concepts because they allow us to examine the different axiologizations projected on the flag and the T-shirt. Furthermore, the present research has collaborative potential for the understanding of this socio-political movement that incites social polarization, emphasizing, also, the lack of academic studies on the present theme, which elevates the relevance of this work. During the investigative movement, we observed that the re-accentuation of the flag and the jersey echoes an axiological center that projects these ideological signs as a source of identity for the Brazilian right wing. In addition, it became evident that, when making statements about the use of ideological signs, centripetal forces add potency to the country's fragmentation into two "Brazils": green & yellow versus red.

Key words: Bakhtin Circle. Ideological signs. National flag. National jersey. Axiological re-accentuation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Bandeira imperial do Brasil – (1822 – 1889)	22
Figura 2: Bandeira provisória da república brasileira - (1889 - 1889)	23
Figura 3: Atual bandeira nacional.....	24
Figura 4: <i>A posteriori</i> ao maracanaço, a amarelinha.....	27
Figura 5: Os signos ideológicos em atos pelo <i>impeachment</i>	34
Figura 6: Panelaços anti-dilma	36
Figura 7: Representação midiática da presidenta	37
Figura 8: As manifestações anti-Dilma na imprensa	38
Gráfico 1: Percentual de aprovação do governo dilma	40
Figura 9: A pauta militar	41
Figura 10: Protestos <i>ele não</i>	45
Figura 11: Os signos ideológicos em defesa do governo bolsonaro	48
Figura 12: Bolsonaro em atos antidemocráticos.....	49
Figura 13: Punho cerrado enquanto signo ideológico	57
Quadro 1: corpus de estudo.....	65
Figura 14: A camiseta vermelha da seleção	78
Figura 15: Manifantoches vestindo verde-amarelo	79

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	14
2 POR UMA ESTÉTICA VERDE-AMARELA: EFEITOS INAUGURAIS E USO POLÍTICO DOS SIGNOS IDEOLÓGICOS	21
2.1 Ordem e progresso: a instituição da bandeira nacional	21
2.2 Salve a seleção: da camiseta azul à camiseta amarela	26
2.3 O verde-amarelo nas arenas políticas: uma estética pró-impeachment de Dilma Rousseff	29
2.4 Nacionalismo e bolsonarismo: os signos ideológicos em apoio ao presidente	42
3. O CÍRCULO DE BAKHTIN E SEUS PRINCÍPIOS: FUNDAMENTOS PARA UM ESTUDO DIALÓGICO .	51
3.1 O Círculo: gênese e princípios gerais	51
3.2 Dialogismo bakhtiniano: as relações de sentido	52
3.3 Enunciado: a concretude da linguagem	54
3.4 Signo ideológico: um palco de lutas de vozes	57
3.5: O centrífugo e o centrípeto: as forças discursivas	59
3.6 Avaliação social e ênfase valorativa	60
3.7 Coro de apoio: em busca de sustentação valorativa	62
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: UMA POÉTICA SOCIOLÓGICA	63
4.1 Enunciados emergentes: a seleção do corpus	64
4.2 Diretrizes metodológicas: procedimentos de análise	65
5 REACENTUAÇÕES DOS SIGNOS IDEOLÓGICOS: A BANDEIRA E A CAMISETA COMO FONTE IDENTITÁRIA DA DIREITA.....	67
6 CONSIDERAÇÕES (NÃO TÃO) FINAIS	81
REFERÊNCIAS.....	86

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

É possível observar, nos discursos que perfazem o Brasil contemporâneo, a veiculação de algumas vozes que, ao se coadunarem e circularem em distintos campos de atividade humana, tendem a engendrar projetos enunciativos que não se propõem a um diálogo com diferentes visões de mundo. Veiculando, portanto, sentidos intolerantes que não consideram o outro, essas práticas discursivas podem suscitar a polarização da sociedade em dois grupos opostos: “eles” e “nós”. Essa retórica da divisão apresenta ecos do passado, todavia, “o certo é que desde o impeachment da presidente Dilma Rousseff, em 2016, destampou-se o caldeirão dos ressentimentos que desaguou numa política de ódios e polarizações” (SCHWARCZ, 2019, p. 217). À vista disso, faz-se primordial observar que, entre 2013 e 2020, com o aumento de protestos políticos que apresentavam distintas agendas, acentuou-se um movimento de dicotomização que fragmenta a sociedade brasileira.

Nesse sentido, impõe-se ressaltar que em um processo de movimentações sociopolíticas, com um cardápio múltiplo de demandas, distintas vozes transformaram, nos últimos anos, as ruas brasileiras em arenas de protestos. Diante disso, evidenciam-se os atos realizados entre 2013 e 2016, a favor do impedimento mandatário da ex-presidenta Dilma Rousseff, e também os eventos articulados em 2019/2020, em apoio ao governo de Jair Bolsonaro. Ao examinar os referidos eventos, pode-se perceber duas principais similitudes entre eles. A primeira delas refere-se ao perfil desses sujeitos, que na maioria eram brancos, com alto grau de escolaridade, renda média superior a cinco salários mínimos, usavam a internet para se informar sobre política e foram convocados para os protestos por meio das redes sociais (TELLES, 2019). Logo, trata-se de perceber que os mencionados protestos tornaram proeminente o ativismo de algumas categorias de sujeitos que há tempo não eram atuantes na cena política brasileira, revelando, então, “a presença privilegiada de grupos de perfil conservador, que a despeito de suas clivagens internas em termos de tonalidades ideológicas, expuseram publicamente convicções de cunho conservador e autoritário” (MESSENERG, 2019, p. 175).

Assim, é possível averiguar que “desde a luta pela redemocratização do Brasil, no início da década de 1980, as ruas foram ocupadas por grupos identificados com as posições políticas de centro-esquerda e esquerda” (PINTO, 2019, p. 15). Porém, observa-se que, a partir de 2013,

os manifestantes se alinhavam aos pensamentos políticos de direita e/ou de extrema direita, reclamando destacar que, no presente estudo, depreendendo a complexidade que circunda a diáde esquerda e direita,

quando falamos em direita no Brasil hoje pensamos imediatamente nos nostálgicos do regime militar; nos defensores da redução da maioria penal e da fuga para frente repressiva como solução ao problema da insegurança coletiva; nos intolerantes culturais e religiosos de todo tipo; nos defensores das “soluções de mercado” para todos os problemas e todas as áreas de políticas públicas; nos detratores dos programas de promoção social, como o Bolsa Família; nos defensores radicais da austeridade fiscal, da política de juros altos e da internacionalização sem peias da economia brasileira; nos críticos da política externa, que denunciam os seus arroubos autonomistas e defendem, em seu lugar, o retorno a uma política de subordinação aos Estados Unidos; por fim, ao conjunto dos inconformados com o funcionamento dos mecanismos de escolha democrática, que nunca chegaram a aceitar a vitória, no pleito de 2014, da presidenta Dilma (CRUZ, 2015, p. 16).

Dentro do espectro político, consideramos protestos de direita/extrema direita, aqueles convocados por sujeitos autodeclarados conservadores/de direita. Também são concebidos como eventos emergentes do mencionado posicionamento, atos cuja agenda esteja centrada contra a continuidade da ordem democrática, bem como em oposição à manutenção de propostas baseadas na justiça social e nos direitos humanos.

A segunda similitude que veicula um diálogo entre esses brasileiros consiste no emprego de uma estética verde-amarela reveladora de um ultranacionalismo. Assim, pode-se observar, tanto nos protestos a favor do *impeachment* de Dilma quanto nos atos em defesa de Jair Bolsonaro, o uso de dois signos ideológicos: a bandeira nacional e a camiseta da seleção brasileira de futebol. A bandeira, o hino, o selo e as armas, conforme conjectura a Constituição Federal de 1988, Capítulo III, Art. 13, são símbolos brasileiros e devem retratar toda a sociedade nas diversas ocasiões. Contudo, impõe-se sublinhar que a camiseta da seleção brasileira de futebol está circunscrita nesse invólucro simbólico, uma vez que, embora o citado artigo 13 não a elenque como símbolo, a camiseta, em virtude da histórica identificação entre a seleção e uma significativa parcela da sociedade, também possui um estatuto simbólico. Nesse sentido, é possível perceber que esses símbolos, orbitados por um ideário de saudosismo à pátria e de nacionalismo, são representativos da tessitura social brasileira e fulguram, no horizonte nacional, sob a insígnia relativa ao sentimento de pertencimento a uma sociedade, a um conjunto de vozes, ou, ainda, a uma “comunidade imaginada” (BENEDICT, 2008).

Nessa perspectiva, ancorando-se nos postulados epistemológicos do Círculo de Bakhtin¹, a presente pesquisa contempla a bandeira nacional e a camiseta da seleção como signos ideológicos que, axiologizados por diferentes vozes em determinados contextos sócio-históricos, atuam como um palco de luta dessas vozes que entram em tensão. Além disso, conjecturamos que essas diferentes vozes, ao projetarem aos signos distintos centros valorativos, potencializam reacentuações axiológicas que refletem e refratam a realidade que circunda o mundo desses signos. Desse modo, tendo em vista que o mencionado movimento de reacentuação da bandeira brasileira e da camiseta da seleção é observado a partir de práticas enunciativas, o *corpus* que compõe a presente pesquisa é constituído por enunciados concretos obtidos a partir de uma busca na rede social *twitter*.

Nesse processo de uso da bandeira e da camiseta como ornamentação, circunscreve-se a semeadura da reacentuação desses signos ideológicos que, refletindo e refratando uma dada realidade, ecoam outras valorações. Diante disso, são emergentes do referido processo de reacentuação, projetos enunciativos edificados a partir de uma arquitetônica cujas vozes reverberadas entram em tensão. Pensemos, para fins ilustrativos desse choque, dois enunciados: i) Vou torcer para a seleção conquistar o hexa, mas não quero ser confundido com paneleiros e manfintoques² e ii) Vou votar em Bolsonaro, então vim com a camiseta para concretizar isso³.

Tendo em vista que a língua é atravessada por uma saturação de axiologias, permeada por índices de valores advindos das diversas condições sócio-históricas, esses projetos enunciativos podem revelar, a partir de um novo centro de valor, um choque entre sujeitos que usam os signos e aqueles que os repelem. Por perceber que toda palavra enunciada é um ponto de vista avaliador para algum horizonte ou fenômeno da realidade, percebe-se, no primeiro enunciado, uma valoração negativa acerca da camiseta, uma vez que ao enunciar “não quero correr o risco”, traça-se uma ênfase axiológica que reflete um distanciamento entre o sujeito e o signo. Enquanto isso, ao potencializar o verbo *concretizar*, o locutor do

¹ A nomenclatura Círculo de Bakhtin foi atribuída pelos leitores da teoria, não sendo, portanto, utilizada pelos membros do grupo de intelectuais.

² Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/16/deportes/1529108134_704637.html> Acesso em abril de 2020.

³ Disponível em: <<https://www.oestadoce.com.br/politica/por-bolsonaro-evangelicos-vao-culto-com-camiseta-do-brasil>> Acesso em abril de 2020.

segundo enunciado propõe, por meio de um tom centrípeto, a concepção de que os eleitores de Jair Bolsonaro comungam o uso da camiseta da seleção como um signo que os identifica, impondo, logo, uma valoração e, sobretudo, uma possibilidade de apropriação a qual reclama um entendimento, uma vez que,

na palavra se realizam os inúmeros fios ideológicos que penetram todas as áreas da comunicação social. É bastante óbvio que a palavra será o indicador mais sensível das mudanças sociais, sendo que isso ocorre lá onde essas mudanças ainda estão se formando, onde elas ainda não se constituíram em sistemas ideológicos organizados. A palavra é o meio em que ocorrem as lentas acumulações quantitativas daquelas mudanças que ainda não tiveram tempo de alcançar uma nova qualidade ideológica nem de gerar uma nova forma ideológica acabada. (VOLÓCHINOV, 2018, p. 106).

Ao referido movimento de reacentuação da bandeira e da camiseta, atrela-se a concepção de que no processo de construção da sociedade, os sujeitos, no palco discursivo, atuam em interlocução e compartilham sentidos não estáveis, tampouco acabados, os quais se renovam em vários processos de mudança. Ao arquitetar o mundo, então, os atores sociais lhe dão sentidos sem acabamento, além de retomar significações, pois, “não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação [...] questão do grande tempo” (BAKHTIN, 2017, p. 79). Portanto, é tecida a ideia do vir a ser e da não finalização de sentidos enunciativos, os quais, em uma atmosfera dialógica, a partir da citada “festa de renovação”, se renovam ao longo do ininterrupto diálogo entre tempos, sem jamais serem fechados ou estagnados. Verificando, logo, que os sentidos não falecem, entendemos que a sociedade é permeada por tons valorativos; uns herdados, outros evocados pelos agentes contemporâneos. Desse modo, ao agir sobre o tecido social, os sujeitos mantêm sentidos, mas também os alteram. Trata-se de observar, assim, que ao comungar essa festa de renovação, comunicando ideais patrióticos e amparando-se em coros de apoio, os sujeitos posicionados à direita podem ter suscitado a reacentuação axiológica da bandeira brasileira e da camiseta da seleção.

Tendo em vista o exposto, sob a hipótese de que, imersas em esferas atravessadas por distintas visões de mundo, a bandeira nacional e a camiseta da seleção passaram a ecoar outro centro de valor, bem como um sentido de apropriação, ancorando-se no horizonte epistemológico do Círculo de Bakhtin, o presente estudo propõe como tema o processo de reacentuação axiológica desses signos ideológicos. Ressaltamos a necessidade de entender esse processo de apropriação dos signos uma vez que ele interfere na organização da malha social brasileira, tendo em vista que possui indícios de estratificação. Ademais, por meio de

uma busca no banco de teses e dissertações da CAPES, não foram encontrados estudos científicos cujo escopo seja a presente temática, o que sobleva a pertinência dessa pesquisa. Cabe destacar ainda nosso entendimento de que, independente de posturas ideológicas, o movimento de protestos que atravessou o Brasil da última década reclama uma compreensão ampla e profunda, tanto pela sociedade quanto pela academia, pois manifesta mudanças sociopolíticas.

Na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* (2018) – doravante MFL – Volóchinov propõe a reflexão de que há, circundando a vida humana, além dos fenômenos da natureza, dos objetos tecnológicos e dos produtos de consumo, o mundo dos signos (VOLÓCHINOV, 2018). Nesse âmbito, observa-se que qualquer elemento pode manifestar estatuto de signo ideológico, desde que seja emergente de um universo de relações interindividuais, assim,

em MFL os signos ideológicos são constituídos no processo de interação social em que os interesses das diversas classes sociais direcionam o processo de construção das representações materializadas na palavra, ou seja, a relação entre o sujeito e a realidade ocorre mediada pela interação entre sujeitos sociais, na qual os signos ideológicos são engendrados (GRILLO, 2018, p. 68).

Dessa maneira, conjectura-se que a bandeira nacional e a camiseta da seleção, por figurarem em arenas axiológicas, configuram-se como signos ideológicos, uma vez que o campo da ideologia coincide com a esfera dos signos e, além disso, aquilo que for ideológico apresentará significação sígnica. Ao discorrer acerca desta concepção, Miotello (2005, p. 170) assevera que “uma camiseta na qual se pinta um escudo de um time de futebol, é muito mais que uma camiseta [...] temos aqui o que Bakhtin chama de signo”.

Diante disso, apresentam-se os problemas de pesquisa norteadores deste trabalho:

- i) Como se dá o processo de reacentuação da bandeira nacional e da camiseta da seleção a partir do uso em eventos políticos?
- ii) De que modo ocorreu a reacentuação desses signos ideológicos ao serem imersos em atos *pró-impeachment* (2013 – 2016) e a favor de Jair Bolsonaro (2019 – 2020)?
- iii) Como os enunciados concretos que versam sobre o uso da bandeira brasileira e da camiseta evidenciam uma tensão discursiva?

Nesse recorte, o objetivo geral deste estudo é examinar o novo centro axiológico que passou a circundar a bandeira nacional e a camiseta da seleção brasileira, com vistas a perceber as refrações, bem como a tensiva relação entre vozes

suscitada pelo movimento. Outros objetivos se fracionam e presidiam a pesquisa, a saber:

- i) Compreender de que maneira a bandeira nacional e a camiseta da seleção foram reacentuadas axiologicamente;
- ii) Verificar as refrações potencializadas pela reacentuação dos signos ideológicos;
- iii) Examinar enunciados concretos que, emergentes da reacentuação da bandeira nacional e da camiseta da seleção, constituem-se tensivamente.

Conforme enunciado em palavras preambulares, tendo em vista que a reacentuação dos signos ideológicos se torna evidente por meio de práticas discursivas, a fim de alcançar os objetivos propostos elegemos, como *corpus* de estudo, quatro enunciados concretos que versam acerca do uso da camiseta e da bandeira. Desse modo, a presente pesquisa busca examinar a reacentuação da bandeira e da camiseta a partir de enunciados, não se propondo, então, a análise da bandeira e da camiseta enquanto objetos. Optou-se por examinar enunciados porque é por meio deles que os sujeitos expressam a reacentuação dos signos ideológicos. Tais enunciados contemplados foram coletados por meio da rede social *twitter*, em virtude do seu aspecto discursivo, do seu caráter de livre expressão sobre quaisquer assuntos e, sobretudo, por ser possível perscrutar os enunciados da maneira como foram veiculados, o que possibilita examinar, enquanto ato entonacional, a estilística dos locutores. Essa busca ocorreu a partir dos termos *bandeira nacional e camiseta da seleção*, a partir do dia 02 de maio de 2020 porque nessa data ocorreu, em Brasília, um protesto no qual os signos, por nós contemplados, foram usados. A partir dessa busca, foram selecionados os quatro primeiros enunciados que evidenciavam a reacentuação dos signos ideológicos.

Para tanto, o presente estudo traçou o seguinte percurso: em um primeiro momento, buscamos realizar um resgate histórico acerca do processo de instauração da bandeira e da camiseta da seleção. Ademais, ainda nesse capítulo, apresentaremos um panorama acerca das manifestações que transformaram as ruas em arenas de protesto entre os anos 2013 e 2020, a fim de conhecer a situação que potencializou a reacentuação dos signos ideológicos. No capítulo subsequente, ao discorrer a respeito do Círculo de Bakhtin, será gerado um espaço de reflexão a respeito dos conceitos que perpassam a concepção dialógica e são oportunos ao processo analítico, sendo estes: dialogismo, enunciado concreto, signo ideológico, forças

centrífugas/centrípetas, ênfase valorativa, avaliação social e coro de apoio. Em seguida, destacando a temática, bem como os objetivos, serão arroladas as questões metodológicas, além do *corpus* selecionado e, por fim, serão tecidas as análises dos enunciados em suas múltiplas relações com discursos outros porque “*toda compreensão é dialógica*” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 232, grifos do autor). Observou-se, durante a investigação proposta, que a reacentuação da bandeira e da camiseta ecoa um centro axiológico que projeta esses signos ideológicos como fonte identitária da direita brasileira. Foi possível averiguar, também, que ao perfazer ao perfazer enunciações a respeito do uso dos signos, forças centrípetas potencializam a fragmentação do país em dois Brasis: os verde-amarelos *versus* os vermelhos.

2 POR UMA ESTÉTICA VERDE-AMARELA: EFEITOS INAUGURAIS E USO POLÍTICO DOS SIGNOS IDEOLÓGICOS

Sob a perspectiva dialógica, o discurso é permeado pelos diversos campos de atividade humana, visto que enunciar não é apenas uma forma de representar uma realidade social, mas sim de construí-la, compartilhando o endereçar e o agir sobre o outro, em um movimento de alteridade. Atrela-se a isso a plasticidade da epistemologia bakhtiniana, a qual, por também envolver elementos extraverbais, torna-se orgânica e, com isso, dialoga com outras esferas, como a História, a Filosofia e as Ciências Sociais. Resgatar-se-á, portanto, neste capítulo, os caminhos que instituíram a bandeira e a camiseta como representativos da sociedade brasileira.

Além disso, por entender que o discurso na vida não é autossuficiente, que ele depende da situação que o projeta (VOLÓCHINOV, 2019), mantendo, dessa forma, uma relação muito estreita com o contexto, neste capítulo também será desenvolvida uma reflexão acerca dos movimentos sociais que povoaram as ruas brasileiras entre 2013 e 2020, a favor do *impeachment* mandatário da ex-presidenta Dilma Rousseff (2013 – 2016) e em defesa do atual presidente Jair Bolsonaro (2019 – 2020). Entendemos que em outros momentos da história brasileira a bandeira nacional e a camiseta da seleção também foram usadas a fim de atingir objetivos políticos, todavia realizaremos esse recorte histórico de 2013 a 2020 por compreendemos que o uso desses signos ideológicos nesse ínterim temporal apresentam indícios de polarização do Brasil e, sobretudo, de apropriação signífica.

2.1 Ordem e progresso: a instituição da bandeira nacional

Para que se compreenda a origem da atual bandeira nacional, faz-se necessário um resgate histórico acerca da sua instituição, pois muitas bandeiras fazem parte da história do Brasil. Dessa maneira, tendo em vista que existiram muitas versões da bandeira, não apresentaremos todas, dando destaque, desse modo, às duas bandeiras que antecederam a instauração da atual. Demonstramos, na figura 1, a bandeira imperial do Brasil.

Figura 1: Bandeira imperial do Brasil – (1822 – 1889)



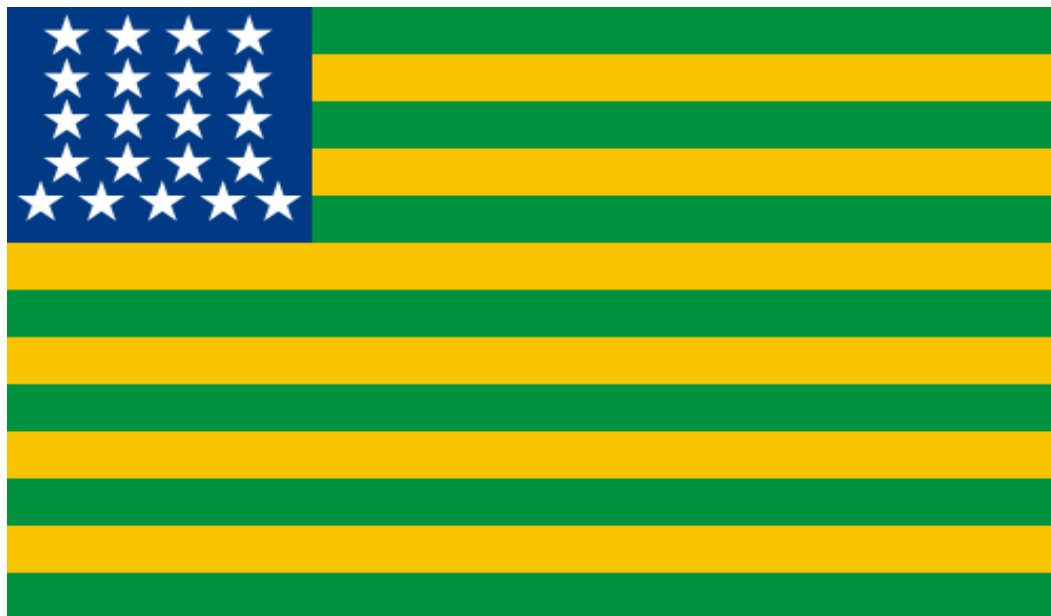
Fonte: Coimbra (2000)

Em 7 de setembro de 1822, um sábado de céu azulado, às margens do rio Ipiranga, em São Paulo, Dom Pedro proclamou a emancipação política do Brasil, em um ritual que a história assim descreve: depois de proferir o brado *Independência ou Morte* e de ordenar *Laços Fora*, arrancando do chapéu o tope português, D. Pedro exclamou: "Doravante teremos todos outro laço de fita, verde e amarelo. Serão as cores nacionais" (COIMBRA, 2002, p. 262). Com as cores verde-amarelo, instituiu-se, desse modo, a bandeira imperial do Brasil. Como pode-se observar, essa versão apresenta um retângulo verde,

no qual se inscreve um quadrilátero romboidal cor de ouro, ficando no centro deste o Escudo de Armas do Brasil, com os seguintes elementos: em campo verde, uma esfera armilar de ouro, atravessada por uma cruz da Ordem de Cristo, sendo circulada a esfera de 19 estrelas de prata em orla azul, e firmada a coroa real diamantina sobre o escudo, cujos lados são abraçados por dois ramos de plantas de café e tabaco representados na sua própria cor (COIMBRA, 2002, p. 265).

Porém, após o Marechal Deodoro da Fonseca proclamar, em 15 de novembro de 1889, a república brasileira, "os alferes enrolaram as bandeiras imperiais, que foram atiradas sobre uma carreta, sendo a seguir recolhidas aos armazéns do Exército" (COIMBRA, 2002, p. 285). Desse modo, quando a bandeira imperial deixou de ser usada, hasteou-se, durante quatro dias, de 15 a 19 de novembro de 1889, a bandeira Provisória da República brasileira, ilustrada na figura 2.

Figura 2: Bandeira Provisória da República brasileira - (1889 - 1889)



Fonte: Coimbra (2000)

Originária de uma forma não oficial, “nota-se, de saída, a influência da bandeira estadunidense: 13 listras, de duas cores, cantoneira e estrelas com números correspondentes aos Estados federados” (COIMBRA, 2002, p. 286). Após a proclamação da república, os republicanos buscavam instituir uma nova bandeira, pois

já que os monarquistas se apegavam tanto a esta bandeira, não era possível aos republicanos vencedores não quererem modificá-la ao máximo. Alguns chegaram até a pensar em abolir a bandeira como tal, julgando-a atributo do regime imperial. Predominou o bom senso, porém (COIMBRA, 2000, p. 295).

Nesse âmbito, o primeiro motivo para o desuso da bandeira era sua ligação aos ideais imperiais, por isso é importante destacar que a potencializada reacentuação da bandeira entre 2013 e 2020 não é um movimento isolado na história brasileira porque encontra ecos de movimentos passados. O segundo motivo da criação de uma nova bandeira foi a influência dos ideais positivistas na república recém proclamada, e os positivistas brasileiros “eram, sem dúvida, os intérpretes mais exatos e os seguidores mais obedientes da doutrina de Augusto Comte” (COIMBRA, 2000, p. 295). A partir disso, o projeto da nova bandeira nacional foi desenvolvido por Teixeira Mendes, todavia, “para atrair mais simpatia e garantia de

aprovação, os dois próceres do positivismo quiseram fazer entender que o criador do projeto fora Benjamin Constant” (Coimbra, 2002, p. 289). Ilustramos, na figura 3, a atual bandeira brasileira.

Figura 3: Atual bandeira nacional



Fonte: Coimbra (2000)

Instituída por meio de um decreto assinado pelo então presidente provisório do Brasil, Marechal Deodoro da Fonseca, em 19 de novembro de 1889, a atual versão da bandeira nacional apresenta um retângulo verde, um losango amarelo e um círculo azul no qual estão circunscritas 27 estrelas representantes dos estados nacional e a frase que representa a mencionada doutrina positivista: ordem e progresso.

Antes, porém, de elucidarmos os significados dessas cores, é importante destacar que constituindo-se como cidadãos, ainda na escola, muitos brasileiros aprendem o significado da bandeira. O retângulo verde representa as belezas naturais, o losango amarelo significa o ouro e as riquezas minerais e, por fim, o círculo azul, permeado por estrelas, indica que o Brasil, cujos cidadãos são regidos por *ordem e progresso*, é *abençoado por Deus*. Edifica-se, diante disso, calcando-se nos tons verde-amarelo, o imaginário de que o povo brasileiro é *gigante pela própria natureza*, preconizando, sobretudo, um olhar patriota em relação à geografia brasileira, pois *as aves que gorjeiam aqui, não gorjeiam como lá*, conforme versou o poeta Gonçalves Dias em sua lírica ufanista *Canção do Exílio* que, escrita em 1846, transmitiu, ao

hino brasileiro, os versos *nosso céu tem mais estrelas, nossas várzeas têm mais flores, nossos bosques têm mais vida, nossa vida mais amores*.

Essa retórica saudosista arrefece, todavia, os elementos sobre os quais versa a história, a ciência que elucida as reais raízes e rubricas que atravessam a instituição da bandeira brasileira. Ultrapassando essa linha nacionalista, portanto, por meio de um viés amplo, apreende-se o verde, predominante na bandeira, como uma herança dos povos lusitanos, região correspondente, na contemporaneidade, a Portugal. Para esses povos, o tom verde representava a liberdade conquistada quando os habitantes dessa região lutaram, na Idade Média, contra a invasão dos Mouros (LUZ, 2005). Essa cor, à vista disso, remete às conquistas daquele povo, bem como às lutas libertárias, o que justifica o simbolismo de esperança. A tonalidade amarela indica uma relação com a cor do brasão de Portugal e, por fim, o azul e branco, estão atrelados ao Condado do qual Portugal se originou (LUZ, 2005). Vê-se, logo, que sob a ótica da história, a bandeira nacional é constituída por elementos ligados a referências portuguesas, diferentemente daquilo que compartilha o imaginário comum.

Depreende-se, além disso, a instauração desse símbolo circundado por figuras geométricas (círculo, quadrado e losango) e por um conteúdo subjetivo, representado pela simbologia das cores, bem como pela frase *Ordem e Progresso*. É interessante destacar a percepção de que o conectivo *e*, ligando os substantivos *ordem/progresso*, projeta um sentido de conclusão, isto é, uma concepção de que só haverá um futuro melhor, um progresso, se houver ordem e razão. Desse modo, constrói-se um *ethos* brasileiro cuja imagem arquitetada propõe “a crença generalizada de que o Brasil [...] é “um dom de Deus e da Natureza”; tem um povo pacífico, ordeiro/generoso, alegre e sensual, mesmo quando sofredor” [...] (CHAUI, 2000, p. 4, grifos da autora).

Por meio desta breve reflexão a respeito das diferentes bandeiras que ao longo da história representaram o Brasil, é possível observar a interferência de diferentes governantes em vários contextos históricos e políticos. Governantes estes que, a despeito de seus interesses e de suas posições ideológicas, promoveram a instauração de várias bandeiras. Nesse sentido, também destacamos que embora historicamente a bandeira tenha sido circundada por distintas ideologizações, não houve um processo sociopolítico que tenha suscitado um movimento de apropriação desse signo ideológico como podemos observar a partir da potencializada reacentuação da bandeira nacional a partir de 2013. Portanto, é

possível perceber que a reacentuação da bandeira nacional nos dias atuais encontra ecos do passado, todavia os reflexos e as refrações emergentes são distintos.

2.2 Salve a seleção: da camiseta azul à camiseta amarela

Imersa nessa atmosfera signífica, a seleção brasileira disputa, a cada quatro anos, a Copa do Mundo de Futebol, defendendo as cores verde-amarelo, bem como um ideal de nação, uma vez que “o futebol e a pátria estão sempre unidos, e com frequência os políticos e os ditadores especulam com este veículo de identidade” (GALEANO, 2012, p. 42). Averigua-se, nessa perspectiva, uma simbologia coadunada entre futebol e sociedade. Citamos, para fins ilustrativos, os mundiais de 1934 e 1938 que foram vencidos pela esquadra italiana, em nome da pátria e de Benito Mussolini.

No Brasil, sob o fermento midiático, o futebol foi incorporado à malha social em meados do século XX, quando, paulatinamente, a seleção começa a despertar o interesse da população e a se tornar a encarnação preferencial de nação brasileira (GUEDES e DA SILVA, 2019). Um ponto de inflexão nesse processo é a copa do mundo realizada na França em 1938, na qual o grupo brasileiro obteve um inédito terceiro lugar, sob o marco de textos publicados por Gilberto Freyre⁴. Nesse ambiente histórico, não há registro do verde-amarelo nos jogos da seleção, que participava das competições com uma camisa branca. Todavia, a camiseta branca deixou de ser usada após a copa mundial de futebol de 1950, em cuja final, realizada no Maracanã, a seleção brasileira foi derrotada, de virada, pelo Uruguai. Após a derrota por 2 a 1, o jogo ficou conhecido como maracanaço, e a camiseta, em tom branco, passou a ser considerada azarada. Essa derrota principiou, em 1953, um concurso realizado pelo jornal carioca *Correio da Manhã*, juntamente da então Confederação Brasileira de Desportos, a fim de eleger um novo uniforme à seleção, cuja única regra era que as cores deveriam ser as usadas na bandeira nacional.

⁴Freyre, um dos mais importantes sociólogos do século XX, foi um dos principais intelectuais que refletiu, por meio de ensaios, artigos e seminários, sobre a problemática envolvendo o futebol e a sociedade brasileira.

O vencedor desse concurso foi o gaúcho Aldyr Garcia Schlee⁵, o qual explicou, em uma entrevista concedida a Guimarães e Piazzi (2018), que optou trabalhar com o verde-amarelo como tons da camiseta, e o azul e branco na bermuda e nas meias, conforme a figura 4.

Figura 4: *A posteriori* ao maracanaço, a amarelinha



Fonte: Schlee (2018)

Ainda na mencionada entrevista, o criador do uniforme brasileiro também se manifestou a respeito das diversas ideologias que ao longo dos anos atravessam a camiseta. Ao encontro da nossa proposição que conjectura a reacentuação da bandeira nacional e da camiseta, Schlee (2018) assevera que a camiseta passou a representar “o golpismo no país” porque

foi ostentando a camiseta que multidões foram às ruas apelando pela queda da presidente Dilma Rousseff, e levando ao desastre que aconteceu do ponto de vista político, com a substituição da presidente, legitimamente eleita, por um grupo de ladrões que estão no poder, se mantendo graças ao jogo político que eles fazem, cedendo cargos, comprando cargos e mantendo sempre dentro do Congresso Nacional aquilo que foi resultado do golpe congressual, o golpe que se deu dentro do Congresso pra que esses caras que estão dentro do poder, esse grupo de gatunos, ladrões, se manterem no poder (SCHLEE, 2018, p. 14).

⁵ Gaúcho, nascido em Pelotas, foi escritor, jornalista, tradutor, desenhista e professor universitário. As suas especialidades foram a criação literária, a literatura uruguaia e gaúcha, a identidade cultural e as relações fronteiriças. Faleceu em 2018.

O tom amarelo da camiseta chamou a atenção do radialista Geraldo José de Almeida⁶ que propôs uma analogia entre a camiseta e um pequeno pássaro de canto melodioso e também de cor amarela: o canário-da-terra⁷. A comparação passou a tipificar a seleção brasileira, eternizando o apelido “seleção Canarinho”. Em 1958, quando a seleção vence a copa do mundo usando o uniforme amarelo, canções entoavam “a copa do mundo é nossa porque com o brasileiro não há quem possa”, formando o tripé que ancorava a imagem do povo brasileiro: café, carnaval e futebol (CHAUI, 2000). Entretanto, é possível observar que foi a partir da conquista da copa de 1970, sediada pelo México, que a seleção atinge um certo ápice, em termos de empolgação da população brasileira, pois, conforme Gaspari (2002),

nunca se vira algo igual. Fora a primeira Copa transmitida ao vivo, e as multidões vitoriosas iam às ruas com os versinhos patrióticos que empanturravam as transmissões dos jogos. Médici abriu os jardins do palácio da Alvorada e saiu em mangas de camisa, com uma bandeira na mão e uma bola no pé. Militantes da ALN atiravam de Winchester das janelas de um aparelho em Copacabana, confundindo os disparos com os estouros de rojões. Falava-se de um “Brasil Grande”, “Brasil Potência”; Distribuía-se adesivos com a inscrição “Brasil, ame-o ou deixe-o”. País, futebol, Copa, seleção e governo misturavam-se num grande Carnaval de junho (GASPARI, 2002, p. 213).

Portanto, na esteira dos versos patrióticos mencionados por Gaspari, é possível averiguar a construção do verdeamarelismo que passaria a representar o saudosismo brasileiro. Constituiu-se, também, uma camiseta que passou a ser usada pelas diferentes esferas relacionadas ao futebol e ao universo político. Do mesmo modo, independente de regras pré-estabelecidas, a bandeira nacional adquiriu caráter de roupagem, passando a ornamentar corpos, janelas e ruas. Esse movimento propõe, logo, uma aproximação histórica entre camiseta e bandeira, bem como um uso concomitante que seguiu nos anos ulteriores. Pode-se, nesses ambientes sócio-históricos, falar em população, em vez de torcedores, pois muitas pessoas, que em outros períodos não se identificavam com futebol, em períodos de copa do mundo, se metamorfoseavam em torcedores fanáticos (GUEDES; DA SILVA, 2019). Nesse sentido, é estabelecido um elo entre futebol - simbolizado pela camiseta verde-

⁶ Trabalhou na Rádio São Paulo e na Rádio Nacional, do Rio de Janeiro, que na época era considerada a “TV Globo” das rádios. Em 1970 foi para a Rede Globo, onde marcou sua carreira com a atuação na Copa do México, fazendo dupla inesquecível com o polêmico João Saldanha. A dupla foi repetida na Copa da Alemanha, em 1974, mas em seguida, Geraldo José saiu da Rede Globo e ficou dois anos em Porto Alegre-RS, onde trabalhou na TV Difusora (hoje da Rede Bandeirantes) com grande sucesso. Disponível em: <<https://terceirotempo.uol.com.br/que-fim-levou/gerald-jose-de-almeida-997>>.

⁷ Notícia disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/terra-da-gente/noticia/apelido-da-selecao-brasileira-veio-de-ave-de-canto-melodico-e-porte-elegante.ghtml>>.

amarela, e uma concepção que se constitui e se torna representativa de patriotismo e nacionalismo.

Propomos, a seguir, uma retomada sobre algumas situações nas quais tanto a camiseta da seleção quanto a bandeira brasileira foram usadas e, a partir disso, assumiram diferentes entonações.

2.3 O verde-amarelo nas arenas políticas: uma estética pró-*impeachment* de Dilma Rousseff

[...] elementos discursivos já estavam colocados e soavam com força desde o impeachment, no momento em que se construiu a base de Bolsonaro. Ruas e redes se alinharam contra o PT. As ruas, tradicionalmente espaços de grupos autodeclarados de esquerda, passaram a ser ocupadas por novos protagonistas: camisetas da CBF, bandeira do Brasil, gritos nacionalistas (SOLANO, 2019, p. 209).

Examinando o contexto político brasileiro dos últimos 10 anos, é possível perceber o aumento da veiculação de uma proposta de direita em que se observa a projeção de uma agenda conservadora e ultranacionalista. A fim de que possamos compreender de que maneira essa agenda passou a ser potencializada, faz-se necessário um regresso a 2010, quando Dilma Rousseff (PT), após derrotar o também candidato José Serra (PSDB), foi eleita a primeira presidenta do Brasil com 56,05% dos votos. Dando continuidade a projetos iniciados por seu apoiador e antecessor, o ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva (PT), Dilma iniciara seu primeiro mandato buscando atingir uma de suas metas: tirar milhões de brasileiros da pobreza. No entanto, após seis meses de mandato, a presidenta enfrentou uma crise na Casa Civil, quando Antonio Palocci deixou o cargo por incompatibilidade entre seu salário e seu patrimônio. Com isso, outros ministros também deixaram seus cargos, pois Dilma iniciara o que ficou conhecido como “faxina ética”, o que culminou em elogios à presidenta.

A partir de 2013, todavia, Dilma foi alvo de protestos em três momentos. O primeiro deles ocorreu em junho de 2013, quando milhares de brasileiros foram às ruas protestar contra a alta das tarifas dos transportes públicos, em um movimento que culminou na denominação “jornadas de junho”. Nesse sentido,

a maioria das centenas de milhares de pessoas que foram às ruas em junho de 2013 não pertencia a nenhum grupo organizado, eram indivíduos indignados com a corrupção, com os políticos, e identificavam no governo a culpa pelo que chamavam de caos na saúde, na educação e na segurança (PINTO, 2019, p. 31).

Os manifestantes usavam cartazes criticando os políticos e pedindo investimento em saúde e educação. Destacam-se, entre os *slogans* dos cartazes, os enunciados “o povo unido não precisa de partido”, “ou para a roubalheira ou paramos o Brasil”, “meu partido é o meu país” e “o gigante acordou”. Pode-se averiguar, nesses enunciados, que esses brasileiros estavam descontentes com a política e com a corrupção, representada pelo termo *roubalheira*. Além disso, é possível ver indícios de sentimentos patrióticos quando esses brasileiros dizem *o meu partido é o Brasil*, como se o ideal nacionalista estivesse acima de qualquer instituição. É preciso destacar, ainda, de acordo com a historiadora Célia Pinto, que as jornadas de junho “não tiveram o principal protagonista das campanhas políticas de rua no Brasil desde a primeira eleição direta para presidente do país pós-ditadura em 1989: o militante/eleitor do PT” (PINTO, 2019, p. 33).

O segundo momento dessas manifestações ocorreu durante a Copa do Mundo de Futebol realizada no Brasil em 2014. Para compreender a importância desse evento, é necessário entender que, ao contrário do que se esperava, a copa não empolgou grande parte da população do “país do futebol” que era contrária aos altos valores dos ingressos e estava descrente com a seleção brasileira (PINTO, 2019). Portanto, foi nessa atmosfera de descontentamento que realizou-se, em junho de 2014, a abertura da copa no Brasil, ocasião na qual, ao ser anunciada, a então presidenta Dilma foi alvo de fortes vaias. Logo, pode-se averiguar que a Copa do Mundo passou a significar corrupção e gastos desnecessários, tornando-se “sinônimo do governo Dilma” (PINTO, 2019, p. 37) e enfraquecendo o governo da então presidenta.

Em 2014, após o final da Copa, iniciou-se a campanha para a eleição que escolheria o próximo presidente brasileiro. Durante o segundo turno, quando Dilma Rousseff buscava a reeleição e enfrentava Aécio Neves (PSDB), viu-se “um novo tipo de militante conservador, de classe média alta, com uma campanha agressiva anti-Dilma e anti-PT [...] as pesquisas eleitorais davam empate técnico” (PINTO, 2019, p. 43). Nesse cenário, pode-se perceber a dicotomização do país em dois grupos: os que reelegeram Dilma Rousseff, com 51,64% dos votos, e os que apoiavam o seu adversário Aécio Neves, o qual recebeu 48,36% dos votos (WEBER et al., 2019). Cabe destacar que ao fomentar uma desconfiança no sistema político e ao questionar a “lisura” do processo eleitoral, “o PSDB solicitou à justiça eleitoral a auditoria das urnas, colocando em dúvida o processo eleitoral e seus resultados” (TELLES, 2019, p. 70)

Diante disso, o discurso anti-Dilma suscitado por essas vozes de direita que passaram a ser personagens no cenário político, apresentava, como conteúdo temático, a defesa do *impeachment* da presidenta. Desse modo, terminadas as eleições de 2014, enquanto alguns perfis da direita utilizados na disputa deixaram de funcionar, por desânimo ou por falta de financiamento, outros, imediatamente, passaram a traçar a derrubada do governo (CRUZ, 2015). Os escândalos de corrupção na Petrobrás e a baixa porcentagem de vantagem por meio da qual Dilma foi reeleita fomentaram as ações de brasileiros nas redes sociais. Após receber vários pedidos de abertura de processo de *impeachment*, em setembro de 2015, o então presidente da Câmara Federal, Eduardo Cunha, acolheu a acusação formal contra a presidenta, sob o crime de responsabilidade fiscal - pedaladas fiscais.

Por asseverar que a direita semeou esse movimento de rejeição ao governo de Dilma e passou a ser personagem da cena política, impõe-se a necessidade de um entendimento acerca da díade direita e esquerda, proveniente da Revolução Francesa (1789-1799) ⁸. Sumariamente, concebemos a Revolução Francesa como um período de forte agitação sociopolítica que culminou no fim da monarquia absolutista, mas destacamos que “suas origens devem [...] ser procuradas não meramente em condições gerais da Europa, mas na situação específica da França” (HOBBSAWM, 2003, p. 63). Nessa conjuntura revolucionária, os girondinos, caracterizados como mais moderados e conciliadores, articulados à nobreza e à alta burguesia, ocupavam o lado direito da assembleia nacional constituinte; enquanto os jacobinos, mais radicais e exaltados, alinhados à baixa burguesia e aos trabalhadores, ocupavam o lado esquerdo. É nessa assembleia que a antítese direita e esquerda ganha corpo e vestes que distinguem os posicionamentos circundantes dos sistemas políticos contemporâneos.

O filósofo político Norberto Bobbio, ao postular prolegômenos acerca desses posicionamentos, destaca que

esquerda e direita indicam programas contrapostos com relação a diversos problemas cuja solução pertence habitualmente à ação política, contrastes não só de ideias, mas também de interesses e de valorações a respeito da direção a ser seguida pela sociedade, contrastes que existem em toda a sociedade e que não vejo como possam simplesmente desaparecer. Pode-se naturalmente replicar que os

⁸ O escopo deste estudo não busca aprofundar uma reflexão sobre a Revolução Francesa, todavia consideramos importante apresentar ao leitor, ainda que sucintamente, a pauta defendida nessa insurreição, uma vez que a partir dela surge a díade direita/esquerda. Desse modo, ao leitor que busque uma leitura mais profunda, indicamos o livro *A era das revoluções*, de Eric Hobsbawm.

contrastes existem, mas não são mais do tempo em que nasceu a distinção (BOBBIO, 2011, p. 51).

Esquerda e direita, desse modo, à guisa de simplificação dos termos, indicam motes opostos em relação a diversas celeumas sociais. Ao destacar que direita e esquerda não são blocos homogêneos, Bobbio (2011) indica a percepção de que a esquerda busca a igualdade entre os sujeitos, além do bem estar social, enquanto a direita concebe a desigualdade como elemento constitutivo de toda sociedade. Não se prediz, todavia, que a esquerda inclui e a direita exclui, mas sim que o princípio da esquerda é a inclusão, e o preceito da direita é a exclusão, salvo exceções. Pode-se perceber, diante disso, que “o que caracteriza a esquerda perante a direita é o ideal, a inspiração ou a paixão que costumamos chamar de “*ethos da igualdade*” (BOBBIO, 2011, p. 150, grifos do autor). Também se circunscrevem nessa ambiência diádica temas considerados de ordem moral. Desse modo, assuntos relativos aos avanços na legislação sobre direitos civis, ao aborto, à descriminalização da maconha e ao casamento homoafetivo, são concebidos como agendas reconhecidas pela esquerda. De encontro a esses temas, a direita defende a intervenção do estado na vida dos indivíduos, advogando a favor da “família tradicional” e reprimindo as mencionadas pautas.

Faz-se imprescindível salientar que essa divisão binária não reflete a complexidade dos sistemas políticos que permeiam os tecidos sociais. Logo, é importante pensar essa díade a partir de um viés totalizante, o qual permite perceber a existência de diferentes graus de direita e de esquerda. Trata-se de perceber, entre os referidos termos, a existência de uma linha contínua que estabelece posições intermediárias as quais habitam, entre os extremos, um espaço central. Essas posições estão sob a nomenclatura de “centro”. Assim,

[...] a visualização deste espaço intermediário torna possível uma compreensão mais articulada do sistema, já que permite distinguir um centro mais vizinho da esquerda, ou centro-esquerda, e um centro mais vizinho da direita, ou centro-direita, e do mesmo modo, no âmbito da esquerda, uma esquerda mais moderada que tende ao centro e uma esquerda extrema que ao centro se contrapõe, e igualmente, no âmbito da direita atraída pelo centro que dele se afasta ao ponto de se contrapor em igual medida tanto ao centro quanto à direita (BOBBIO, 2011, p. 54).

Deve-se atentar, então, para gradações interpostas entre direita e esquerda, as quais, quando estabelecidas, elevam a díade ao patamar de multiáde, na qual são constituídos distintos posicionamentos de um extremo a outro. Esquerda e direita, nessa perspectiva, bem como as mencionadas gradações, são termos antitéticos, opostos, impregnados de

valorações. Pode-se conceber, também, essa díade e/ou multiáde a partir da ideia de cosmovisões por meio das quais os atores arquitetam suas experiências de vida e atuam socialmente. Depreende-se, então, que as agendas desses posicionamentos se espraiam e constituem os sujeitos nas esferas de convívio social.

Circundadas por essas concepções políticas, parte da população brasileira organizou, em 15 de março de 2015, o terceiro momento de protestos anti-Dilma. Sob um repertório antipetista, impulsionados pela retórica da *lava jato*⁹, um milhão e 350 mil pessoas saíram às ruas para protestar contra o governo da então presidenta Dilma Rousseff. Um ano depois, sob os *slogans* com contornos intolerantes “o Brasil não será outra Venezuela” e “quero meu país de volta”, 3 milhões de pessoas estavam nas ruas novamente, exigindo o *impeachment* de Dilma e a prisão do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva (TATAGIBA, 2018). Esses sujeitos apoiavam, portanto, o processo aberto contra a presidenta por Eduardo Cunha. Tendo em vista os objetivos medulares deste trabalho, acentuamos, para fins reflexivos, três vértices que engendraram esses eventos. Diante disso, em primeiro lugar destaca-se o uso das cores verde e amarelo; posteriormente são sublinhados os “panelaços”, e, por fim, a agenda antipetismo.

Nesse sentido, a figura 5 ilustra o uso da bandeira nacional e da camiseta da seleção.

⁹ A operação lava-jato é um conjunto de operações deflagradas pelo Ministério Público e pela Polícia Federal para investigar lavagem de dinheiro e esquemas de corrupção.

Figura 5: Os signos ideológicos em atos pelo *impeachment*



Fonte: Band Uol (2016)

A primeira observação a respeito dessa imagem é a mescla entre elementos textuais e imagéticos. Diante disso, grifa-se, no universo verbal, a presença do enunciado *tchau querida*. Essa expressão foi inscrita no movimento de *impeachment* após o então Juiz Sérgio Moro quebrar o sigilo telefônico do ex-presidente Lula. Entre os telefonemas, há um diálogo em que Lula, recém nomeado ministro chefe da casa civil, se despedindo de Dilma, enuncia *tchau, querida*¹⁰. Reacentuado e apropriado pelos atores de direita, o enunciado assume outro contorno axiológico e passa a circular em diversos suportes (jornais, revistas redes sociais, etc.) e gêneros (artigos, caricaturas, editoriais, etc.) com vistas a ironizar Dilma Rousseff. Além

¹⁰ Transcrição do diálogo entre Dilma Rousseff e Luís Inácio:

Dilma: Alô.

Lula: Alô.

Dilma: Lula, d eixa eu te falar uma coisa.

Lula: Fala querida.

Dilma: Seguinte, eu tô mandando o “Bessias” junto com o papel pra gente ter ele, e só usa em caso de necessidade, que é o termo de posse, tá?!

Lula: “Uhum”. Tá bom, tá bom.

Dilma: Só isso, você espera aí que ele tá indo aí.

Lula: Tá bom, eu tô aqui, eu fico aguardando.

Dilma: Tá?!

Lula: Tá bom.

Dilma: Tchau.

Lula: Tchau, querida

(ARAÚJO; MANZANO, 2016)

disso, pode-se depreender, tendo em vista a situação que engendra a ressignificação do enunciado, uma entonação cujo projeto é inferiorizar e depreciar a ex-presidenta. Focaliza-se, também, que ao constituir sentidos na figura 5, os elementos não verbais estão na esteira da situação hipotética que, postulada nessa pesquisa, propõe uma reacentuação axiológica da bandeira e da camiseta, elementos que, ao vestir os personagens dessa imagem, destacam-se com clareza. Importa atentar, também, aos patos amarelos segurados pelos atores. Conhecidos como patos da Federação das Indústrias de São Paulo (FIESP), eles representavam um mote contra o aumento de impostos no Brasil.

Pode-se examinar, além disso, imbuído nos mencionados eventos anti-Dilma, outro movimento: a volta dos painéis em janelas e/ou sacadas como estratégia comunicativa. Na esteira de muitos momentos sociopolíticos, ao longo da história os painéis se tornaram uma prática assídua globalmente, sobretudo em países da América Latina, como Argentina, Venezuela e Colômbia (DAMAZIO, 2016). No Brasil, durante o segundo mandato de Getúlio Vargas (1951 – 1954), foi registrada a organização denominada *Movimento da janela vazia*, cujo cerne buscava uma mobilização contra a elevação do custo de vida durante o governo do populista gaúcho. Esse evento marcou um dos primeiros registros de painéis na esfera brasileira.

Durante alguns pronunciamentos da então chefe do executivo, esses painéis, enquanto ativismo político, ocorreram em forma de resposta aos pronunciamentos. Os painéis, que atribuíram aos discursos de Dilma um acento intolerante, foram organizados sob o espectro das redes sociais, com forte repercussão jornalística. O primeiro registro de painéis, nesse ambiente sócio-histórico (2015 – 2016), é do dia 8 de março de 2015, durante o pronunciamento realizado por Dilma em virtude do Dia Internacional da Mulher; essa prática tornou-se corriqueira, conforme Bezerra e Lucena (2016). No decorrer de 2015, as manifestações afluíam nas ruas e, com cartazes projetando palavras contra a presidenta, as vozes se ancoravam no uso do verde-amarelo nacionalista e preconizavam o *impeachment*.

A figura 6 apresenta brasileiros que, contornados por essa estética verde-amarela, pedem o impedimento da então presidenta.

Figura 6: Panelaços anti-Dilma



Fonte: Castro (2015)

Cabe sublinhar, diante disso, que diferentes tons ideológicos perpassam movimentos que usam panelaços como ato responsivo político, pois cada campo da esfera de atividade humana suscita diferentes acentos ideológicos. O signo panelaço pode, então, carregar sentidos de luta ou de contestação, como ocorreu durante discurso de Dilma, tendo em vista que o projeto ao qual os atores se propuseram buscava acentuar, de forma intolerante, as enunciações da presidenta.

Areladas aos panelaços que pretendiam arrefecer Dilma, parte da mídia nacional fomentou em 2015 e em 2016, por meio da veiculação de conteúdos que dialogavam com o roteiro estipulado pela direita, organizações contra a presidenta. Circularam matérias cuja proposta era desgastar a imagem de Dilma, caracterizando-a como desequilibrada e incapaz de resgatar o Brasil da crise econômica na qual mergulhara, conforme a figura 7.

Figura 7: Representação midiática da presidenta



Fonte: Isto é (2016)

A capa da revista *Isto é*, veiculada em abril de 2016 (edição nº2417) ressoa um projeto que, entrelaçando elementos visuais e verbais, busca caracterizar Dilma como uma governante desequilibrada. Como é possível observar, a manchete *as explosões nervosas da presidente* traça a imagem de uma pessoa que não possui um controle acerca de suas ações, tendo em vista o termo *explosões* usado para nominar as suas atitudes. Percebe-se também, que mobilizando o signo *nervosa*, suscita-se a adjetivação da presidenta como uma governante que não possui controle emocional. Ao traçar, então, uma relação entre *explosão* e *nervosismo*, o enunciado presente na capa da revista *Isto é* dialoga com uma das várias camadas constitutivas do machismo enraizado na sociedade brasileira, ou seja, liga-se ao movimento misógino que, desqualificando as mulheres, as enquadra em um perfil de louca. Ainda na capa acima, pode-se perceber uma imagem da presidenta na qual ela aparece com os cabelos voando, as sobrancelhas curvadas e a boca aberta, gritando algo. Elementos que, juntos, indicam, mais uma vez, uma mulher descontrolada. Em outras edições, tanto da revista

Isto é quanto de outras – como da revista *Veja*, o governo de Dilma foi desqualificado e caricaturizado como incapaz de dirigir o Brasil durante a crise enfrentada. Além disso, jornais de publicação diária também destacaram, em suas capas, os atos a favor do *impeachment*. O jornal Folha de São Paulo veiculou, em 14 de junho de 2016, a capa ilustrada na figura 8.

Figura 8: As manifestações anti-Dilma na imprensa

FOLHA DE S. PAULO
 UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL
 EDIÇÃO SP/DF • CONCLUÍDA À 08:12 • R\$ 3,50

ATO ANTI-DILMA É O MAIOR DA HISTÓRIA

★ 500 MIL MANIFESTANTES FORAM À AV. PAULISTA, CALCULA DATAFOLHA
 ★ JUIZ SERGIO MORE, DA OPERAÇÃO LAVA JATO, É SAUDADO COMO HERÓI
 ★ EM NOTA LACÔNICA, GOVERNO FEDERAL ELOGIA CARÁTER PACÍFICO

O protesto pela queda da presidente Dilma Rousseff em São Paulo no domingo (13) foi o maior ato político da história do país. O Datafolha contou 500 mil pessoas na avenida Paulista. Antes, o maior protesto contra ela reuniu 280 mil no local, em março de 2015. Em 1994, 400 mil estiveram em comício pelo Diretor Fâ. A Polícia Militar de São Paulo e o MBI (Movimento Brasil Livre), um dos organizadores do ato, sustinaram o público em 1,4 milhão de pessoas. Protestos em outras 24 capitais e no Distrito Federal somaram mais de 1 milhão, segundo a polícia. Não houve confrontos. Saúduo como herói, o juiz Sergio Moro se disse "tocado" pelo apoio à Lava Jato. Já o ex-presidente Lula, investigado na operação, foi alvo de críticas. Lideranças da oposição foram recebidas com misto de hostilidade e assédio na capital paulista. Em nota lacônica, o governo Dilma elogiou o caráter pacífico dos atos. *Medeia*

AS MAIORES CONCENTRAÇÕES JÁ MEDIDAS
 ■ Paulista 500 mil
 ■ Avenida Paulista 400 mil
 ■ Avenida Paulista 335 mil
 ■ Avenida Paulista 270 mil
 ■ Avenida Paulista 210 mil
 ■ Avenida Paulista 135 mil
 ■ Avenida Paulista 110 mil

ALGUMAS CIDADES ONDE OCORRERAM ATOS ONTEM

25 cidades, segundo o Datafolha

2,5 milhões* de pessoas, segundo Datafolha

POVO E POLÍTICOS DEVEM CONVERGIR PARA IMPEACHMENT
Opinião AS

LUIZ FELIPE PONDE
 PT hoje continua sendo uma seita, a seita da jararaca
Opinião C6

VINÍCIUS MOTA
 Multidão responde a irrisório do poder presidencial sob PT
Opinião AS

VALDIO CIRIO
 Desfecho está próximo, pode não passar de julho
Opinião AS

PABLO ORTELLADO
 Pedem a saída de Dilma, mas toleram Cunha
Opinião AS

Ato pode acelerar impeachment, diz vice-líder do PMDB
Poder A13

EDITORIAIS *Opinião AS*
 LULA: "Revelado cabal" - entre manifestações, o cortejo no domingo, e "9 eia sobre as cabeças", o resumo de análises de regulamentação de drones.

Imagem aérea da avenida Paulista às 16h; Datafolha contou 500 mil manifestantes no ato anti-Dilma ao longo da tarde

FALE COM A FOLHA
 Não deixe de ler a Folha de São Paulo em sua versão digital. Acesse o site www.folha.com.br

RODÉZIO
 Não deixe de ler a Folha de São Paulo em sua versão digital. Acesse o site www.folha.com.br

ATMOSFERA
 Não deixe de ler a Folha de São Paulo em sua versão digital. Acesse o site www.folha.com.br

Fonte: Folha de São Paulo (2016)

Entre os elementos verbais e não-verbais, destacam-se, na capa do jornal, o registro fotográfico da manifestação que ocupa grande parte da página principal. Nessa imagem, é possível averiguar, conforme defendemos neste estudo, a presença de brasileiros vestindo as cores verde e amarelo na avenida paulista. O enunciado *ato anti-Dilma é o maior da história*, projeta a ocorrência de um momento histórico que registra uma grandiosa desaprovação de um governo, destacando, para tanto, o número de pessoas presente no ato. Essa construção discursiva também pode potencializar um sentido que, ao destacar o número de pessoas presentes, projeta uma suposta pequenez da então presidenta Dilma.

É possível averiguar, por meio dessa sumária ilustração, o papel nodal interpretado pela mídia nas movimentações que buscavam destituir a presidenta, uma vez que, veiculando elementos que tipificavam Dilma como despreparada para governar o país em um momento de instabilidade econômica, fortaleceram a oposição e legitimaram os panelaços. Trata-se, então, de pensar na responsabilidade que a imprensa ocupa acerca do papel de formar opiniões, pois “para avaliar a política, o cidadão necessita de informações, e estas são obtidas, sobretudo, pelas notícias sobre política veiculadas nos meios de comunicação” (TELLES, 2019, p. 79). Desse modo, a mídia é um elemento principal porque possui uma função social e um alto índice de visibilidade.

Outro elemento que desenvolve importante função nesses eventos anti-Dilma é o coeficiente antipetismo, pois, para os partícipes dos atos,

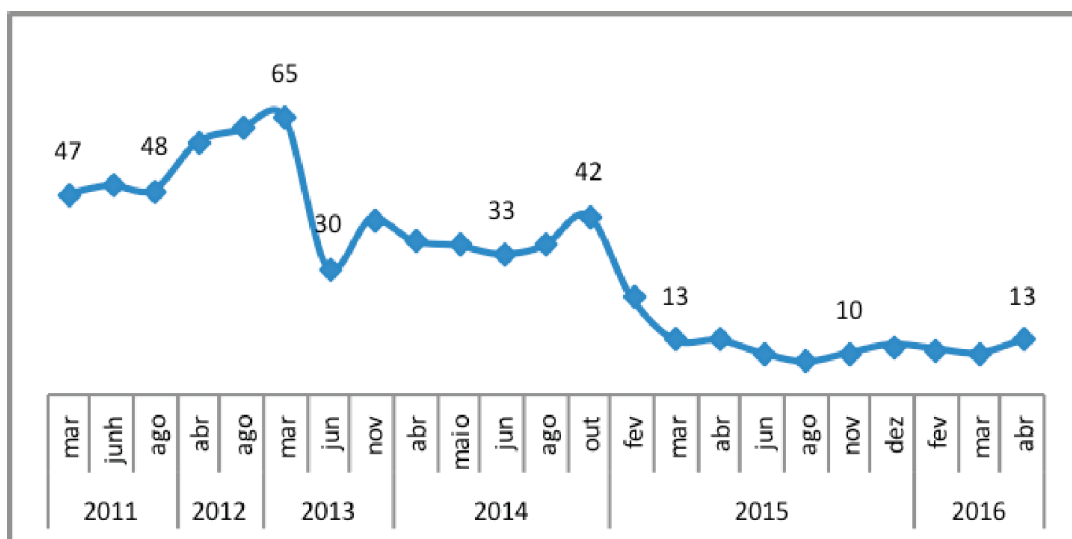
os principais males do Brasil são atribuídos aos governantes identificados como petistas, sendo que 91% declararam que o PT fez um grande mal ao país e 82% deram nota zero ao PT. O antipetismo também pode ser encontrado no julgamento que fazem dos seus quadros: 81% consideram que Lula é um dos principais malfeitores do país, 82% concordam que Dilma também é um das malfeitoras e 24% afirmam que Jair Bolsonaro seria um bom presidente para o Brasil (TELLES, 2019, p. 60).

O enunciado acima descortina a percepção de que a pauta pró-impedimento foi arquitetada sob uma base social antipetista, paulatinamente tramada por meio de dinâmicas sociais e eleitorais. O antipetismo pode ser concebido a partir de dois vieses. Por um lado ele se configura como ódio ao Partido dos Trabalhadores, enquanto fenômeno sociopolítico; sob outro ponto, integra o que se convencionou denominar *negative partisanship*, isto é, um movimento político-eleitoral que visa a rejeitar um partido (TATAGIBA, 2018). É crucial, nesse escopo, perceber que esse fenômeno suscita, também, entre os militantes alinhados à direita, uma repulsa à cor vermelha que representa o referido partido. Percebe-se, diante disso, no palco dos movimentos circundantes do Brasil, a predominância de duas cores que, dependendo do contexto, podem indicar o posicionamento político de determinado ator: o vermelho e a mescla verde-amarelo. Isso ocorre, é importante destacar, conforme cojeituramos nessa pesquisa, devido ao uso das cores nacionais em eventos considerados de direita, bem como em consequência do antipetismo.

Nesse ambiente antipetista, 70% dos protestos de direita apresentaram como pauta o combate à corrupção, a defesa do *impeachment* de Dilma Rousseff e/ou a prisão de do ex-presidente Lula (TATAGIBA, 2018). Em torno dessas agendas, circulavam temas como a

manutenção dos valores da família e da ordem/segurança. Uma manifestação que simboliza a rejeição aos governos petistas é a contestação, manifestada em cartazes, do *slogan* “país rico é país sem pobreza”, o qual foi modificado para “país rico é país sem corrupção”. Entre os anos 2011 e 2016, verifica-se um decréscimo na aprovação do governo de Dilma, conforme o gráfico 1.

Gráfico 1: Percentual de aprovação do governo Dilma



Fonte: Instituto Datafolha, *apud* Tatagiba (2018)

A partir da queda de popularidade do governo Dilma, expande-se o número de protestos nas ruas, pois, ao se instituir o PT como um partido corrupto, cria-se o seguinte roteiro sociopolítico: o problema do Brasil é a corrupção, a causa da corrupção são os governos do PT e a superação do problema, logo, é o “Fora PT”, “Fora Lula” e “Fora Dilma”. Sublinha-se, à vista do exposto, que a efervescência social a favor do impedimento mandatário se ancora sob a insígnia nacionalista do verde-amarelo e do uso da bandeira nacional e da camiseta da seleção, assim como se sustenta, principalmente, em tentáculos antipetistas cujo desígnio era “libertar o Brasil do petismo”.

Além das cores verde-amarelo, dos panelaços e do antipetismo, outra pauta circunscrita nos atos anti-Dilma é a nostalgia da ditadura militar. Nesse sentido, além de defenderem o *impeachment* de Dilma, muitos brasileiros que foram às ruas também eram favoráveis a uma intervenção militar, conforme indica a figura 9.

Figura 9: A pauta militar



Fonte: G1 (2015)

Registrada na cidade de João Pessoa, em março de 2015, a imagem mostra brasileiros vestidos de verde-amarelo e solicitando intervenção militar, por isso é importante pensar “por que, vira e mexe, sobretudo nos momentos de crise política, caímos no sonho da “concordia” do Regime Militar, como se esse período tivesse sido encantado e carregasse consigo a solução mágica para nossos problemas mais estruturais (SCHWARCZ, 2019, p. 23, grifos da autora).

Assim sendo, no âmbito brasileiro dos últimos anos, tanto no campo da direita quanto no da esquerda,

as demandas deságuam em ressentimento [...] por sua parte, o vazio social e o ceticismo adubaram um terreno já fértil para a ascensão de pretensos outsiders, políticos autoritários, oportunistas e populistas, que se dizem, acima e além dos demais dirigentes, apesar de compartilharem do mesmo jogo político e viverem dele (SCHWARCZ, 2019, p. 231).

Por todo o exposto, podemos averiguar que os protestos de 2013 (jornadas de junho), o descontentamento com gastos em obras para a copa de 2014, a operação *lava jato* e os protestos que a partir da reeleição de Dilma Rousseff passaram a ecoar seu impedimento foram os responsáveis pelo ambiente de desconfiança que culminou, em agosto de 2016, na votação do *impeachment* no senado. Durante a votação, 20 senadores votaram contra e 61

votaram a favor do impedimento de Dilma condenada sob a acusação de ter cometido crime de responsabilidade (pedaladas fiscais)¹¹. Não obstante, essa crise social de descrença nas instituições potencializou o surgimento de um político que se apresentara como “salvador da pátria”: Jair Messias Bolsonaro.

2.4 Nacionalismo e bolsonarismo: os signos ideológicos em apoio ao presidente

O certo é que, desde o impeachment da presidente Dilma Rousseff, em 2016, destampou-se o caldeirão de ódio e ressentimentos, que desaguou numa Política deliberada de ódios e polarizações (SCHWARCZ, 2019, p. 217).

A partir do impedimento mandatário de Dilma Rousseff, o antipetismo, de certa forma, obteve uma vitória. Seguindo o previsto na Constituição Federal, o então vice-presidente Michel Temer assumiu o governo do Brasil até o fim do mandato, em 2018, quando houve nova eleição presidencial. A eleição para escolha do novo presidente foi permeada por denúncias de corrupção, declarações extremistas, *fake news* e mobilizações nas ruas brasileiras. Disputaram a presidência, no segundo turno, Fernando Haddad (PT) e Jair Messias Bolsonaro - na época vinculado ao Partido Social Liberal (PSL).

Ao perceber que, no Brasil, pairava uma insatisfação com a “velha política”, Bolsonaro traçou sua campanha se propondo a fazer uma “nova política”, fortalecendo-se, então, por meio de um discurso de renovação. A ascensão de Bolsonaro também ocorre quando ele observa uma onda nacionalista no Brasil, representada pelos brasileiros que, conforme afirmado em palavras precedentes, pediam o *impeachment* de Dilma e veiculavam o *slogam* “meu partido é o Brasil”. Na esteira do nacionalismo, está o flerte de muitos brasileiros com uma intervenção militar que, para parte da população, seria possível com Bolsonaro e seu vice, Hamilton Mourão, que é general da reserva do Exército Brasileiro, na presidência do país.

Todavia, é crucial destacar que a ascensão da direita não é um fenômeno nacional ou regional, pois

em vários países, como Estados Unidos com Donald Trump, Itália com Matteo Salvini ou Hungria com Viktor Orbán, candidatos de extrema direita ganham eleições capturando o sentimento de frustração e desesperança e se apresentando com discursos de renovação. Os partidos tradicionais [...] sofreram o enorme desgaste da

¹¹ Informação disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/processo-de-impeachment-de-dilma/noticia/2016/08/senado-aprova-impeachment-dilma-perde-mandato-e-temer-assume.html>>.

institucionalidade e são culpados pelo cidadão comum pelas crises econômicas e sociais. É o denominado voto de castigo. Aproveitando o mal-estar causado sobretudo por uma nova etapa da revolução tecnológica – que gera desemprego, perda de poder aquisitivo, crises migratórias, insegurança pública, desesperança no futuro – grupos de extrema direita se fortalecem explorando a retórica antissistema. (SOLANO, 2019, p. 308).

Portanto, no Brasil de 2018, percebendo a insatisfação suscitada por crises econômicas/sociais e, exacerbadas, sobretudo, por escândalos de corrupção, Bolsonaro seguiu essa trajetória, captando votos de protesto contra o sistema político. Desse modo, ao transformar insatisfação política em potência eleitoral, Bolsonaro foi eleito presidente brasileiro. Ex-militar da reserva, ele fora deputado federal pelo Rio de Janeiro entre 1991 e 2019, tendo aprovado somente dois projetos¹². Durante a eleição para o executivo, Bolsonaro, retomando uma narrativa conservadora, projetou, à eleição de 2018, ao não reconhecer, tampouco aceitar, distintas ideologias, um acento intolerante. Diante disso, considera-se que

no Brasil [...] andamos “surfando” numa maré conservadora. Afinal, uma certa demonização das questões de gênero, o ataque às minorias sociais, a descrença nas instituições e partidos, a conformação de dualidades como “nós” (os justos) e “eles” (os corruptos), a investida contra intelectuais e imprensa, a justificativa da ordem e da violência, seja ela produto do regime que for, o ataque à Constituição e, finalmente, o apego a uma história mítica, fazem parte de uma narrativa de mais longo curso, a qual, no entanto, tem grande impacto no nosso contexto nacional e contemporâneo (SCHWARCZ, 2019, p. 25 - 26).

Perante a afirmação da antropóloga e historiadora brasileira Lilia Schwarcz, observa-se que Bolsonaro e seus eleitores, potencializando valores conservadores, como ataques à imprensa e à constituição, legitimam a propagação dessas matizes extremistas. Nesse sentido, o presidente, alinhando-se à extrema direita, sustenta, entre outras, as seguintes agendas: manutenção dos valores da família tradicional; liberação do uso de armas; arrefecimento dos direitos humanos; mitigação de políticas sociais e a redução da maioria penal. Por meio do *slogan* ultranacionalista e religioso “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”¹³, o presidente estabelece uma ligação a valores nazi-fascistas buscando, em uma malha social cujas linhas são contornadas pelo patriotismo verde-amarelo, fios que costurem sua discursividade polarizante.

¹² Informação disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2017/07/em-26-anos-bolsonaro-apresentou-171-projetos-dois-foram-aprovados-9850750.html>>.

¹³ É possível detectar uma relação de sentido entre o slogan de Bolsonaro e o lema utilizado pelo ditador alemão Adolf Hitler que, durante o nazismo, enunciava “Alemanha acima de todos”.

Arquitetando projetos enunciativos extremistas, Bolsonaro potencializou, reiteradas vezes, sentidos autoritários, racistas, xenófobos e misóginos. Cabe citar, nessa atmosfera enunciativa, as situações nas quais o presidente enunciou suscitando os mencionados sentidos. No ano de 1999, referindo-se ao ex-presidente do Banco Central, Bolsonaro enunciou: “ele merecia isso: pau-de-arara funciona; eu sou favorável à tortura, tu sabe disso. E o povo é favorável a isso também”¹⁴. Já em 2017, em uma palestra no Clube Hebraica (RJ), o presidente falou: “Eu fui num quilombo. O afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas (arroba é uma medida usada para pesar gado; cada uma equivale a 15 kg). Não fazem nada. Eu acho que nem para procriador ele serve mais”¹⁵. Em entrevista à revista Play Boy, em 2011, Bolsonaro asseverou que não amaria um filho gay, “para mim é a morte. Digo mais: prefiro que morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí. Para mim ele vai ter morrido mesmo”¹⁶. Se referindo às mulheres, em entrevista, no ano de 2014, ao Jornal Zero Hora (RS), o político afirmou “por isso o cara paga menos para a mulher (porque ela engravida)”¹⁷.

Tendo em vista que se pode observar, nos enunciados do presidente, axiologizações que parecem ultrapassar o limite do considerável como liberdade de expressão, é preciso destacar que entre os eleitores de Bolsonaro, existe uma “evidente minimização do discurso misógino, LGBTfóbico [...] ele estaria apenas brincando ou exagerando” (SOLANO, 2019, p. 319). Porém, é possível averiguar que os enunciados do presidente suscitam sentidos antidemocráticos e intolerantes. Por perceber e repelir essas entonações extremistas, um grande grupo de mulheres denominado *Mulheres Unidas Contra Bolsonaro* (MUC), organizou, por meio de redes sociais durante a campanha eleitoral de 2018, o movimento *ele não*, alertando sobre o flerte de Bolsonaro com os citados posicionamentos. Esse grupo traçou, em todo o Brasil e em outros países, grandes atos contra o então deputado. A figura 10 ilustra um dos atos realizados em setembro de 2018.

¹⁴ Disponível em <<https://diplomatie.org.br/jair-bolsonaro-massa-virus-e-poder/>>. Acesso em: junho de 2020

¹⁵ Disponível em <<https://veja.abril.com.br/brasil/bolsonaro-e-acusado-de-racismo-por-frase-em-palestra-na-hebraica/>>. Acesso em: junho de 2020

¹⁶ Disponível em <<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/bolsonaro-prefiro-filho-morto-em-acidente-a-um-homossexual,cf89cc00a90ea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>>. Acesso em: junho de 2020

¹⁷ Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/politica/2015/02/jair-bolsonaro-diz-que-mulher-deve-ganhar-salario-menor-porque-engravida/>>. Acesso em: junho de 2020.

Figura 10: Protestos *ele não*

Fonte: Folha de São Paulo (2018)

Ainda nesse ambiente eleitoral, é observada a circulação de *fake news* veiculadas, sobretudo, a respeito do então candidato Fernando Haddad (PT), o qual, segundo as notícias falsas, teria desenvolvido um projeto cujo escopo visava a distribuir um *kit gay* nas escolas brasileiras. O que se percebe, na realidade, é a deturpação de um projeto que, ao refletir acerca da diversidade sobre a qual professores precisam dialogar com seus estudantes, buscava promover uma formação aos educadores. Não se tratava, portanto, do livro intitulado *Educação sexual e Cia*, conforme endossou Jair Bolsonaro em entrevista a *Jornal Nacional* durante sua campanha eleitoral de 2018, mas sim do projeto Escola sem Homofobia, que buscava contribuir para a implementação e a efetivação de ações que promovam ambientes políticos e sociais favoráveis à garantia dos direitos humanos e da respeitabilidade das orientações sexuais e identidade de gênero no âmbito escolar brasileiro.

Impõe-se evidenciar que a referida mentira é apenas um exemplo entre outras que, atravessando a corrida presidencial, reverberaram ações no Tribunal Superior Eleitoral e na

CPMI das *fakes news*¹⁸, instaurada no Congresso Nacional. Ao avançar, esse inquérito descobriu várias ligações entre o que se convencionou chamar de “gabinete do ódio” e pessoas diretamente ligadas a Bolsonaro, o que inclui seu filho Carlos Bolsonaro, suspeito de comandar uma rede de ataques a adversários. Em relação às *fake news*, a cientista política Esther Solano relata ter averiguado, em uma pesquisa realizada em 2015, que

[...] 56% dos entrevistados acreditava que o foro de São Paulo queria criar uma ditadura boliviana o Brasil; [...] 42% acreditavam que o PT tinha trazido 50 mil haitianos para votar em Dilma Rousseff em 2015 e 64% dos entrevistados acreditava que o PT queria implantar um regime democrático no país. Ou seja, a simbiose entre petismo, esquerdismo e comunismo estava sendo construída (SOLANO, 2019, p. 311 – 312).

A partir disso, pode-se observar as *fake news* como um fenômeno que desenvolveu função importante na eleição presidencial de 2018, uma vez que pode ter manipulado eleitores que acreditaram nas mentiras veiculadas. Em janeiro de 2019, após a posse de Jair Bolsonaro, a tensão em volta do seu governo aumentou devido à continuidade de enunciações inoportunas. No primeiro semestre de 2020, quando o evento epidêmico da Covid-19 atingiu os países em escala mundial, Bolsonaro, quando questionado sobre medidas para conter a propagação do vírus enunciou, em 28 de abril, “E daí, lamento. Quer que eu faça o quê? Sou Messias, mas não faço milagre”¹⁹. Dois meses depois da fala de Bolsonaro, o Brasil era o 2º país em número de contágio e óbitos, atrás somente dos Estados Unidos da América, o que demonstra um discurso negacionista e anti-científico a respeito do vírus que ceifou milhares de vidas, segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS).

Percebendo, assim, um movimento de tensão contornando o governo de Bolsonaro, apoiadores passaram a, nos domingos, ocupar algumas ruas do país com o objetivo de apoiar o governo do presidente. Liderados pela extremista Sara Winter, esses brasileiros pediam o fechamento do Supremo Tribunal Federal, intervenção militar e um novo Ato Institucional nº 5. É primordial destacar, a fim de que elucidemos o entendimento dessas agendas defendidas, que o AI 5, no período da ditadura militar brasileira (1964 – 1985), “dissera o que era proibido” (GASPARI, 2002, p. 238), sendo o quinto dos 17 Atos Institucionais implementados durante a

¹⁸ Instaurada no Brasil em setembro de 2019, a CPMI das *fake news* consiste em uma comissão parlamentar criada para investigar a existência de uma rede de produção e propagação de notícias falsas e o assédio virtual nas redes sociais.

¹⁹ Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/28/e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-mortes-por-coronavirus-no-brasil.ghtml>>.

ditadura. Considerado o marco do início do período mais duro do regime, o AI 5 reforçou arbitrariedade, censura e perseguições, além de instituir o fechamento do congresso nacional (GASPARI, 2002).

Tendo em vista as pautas veiculadas nos protestos em defesa de Jair Bolsonaro, observamos que ecoavam, desses atos, motes que ferem o aceitável em uma democracia, configurando-se, então, como antidemocráticos. Nessa perspectiva, é fundamental enfatizar que a norma democrática não foi, ao menos formalmente, derrubada, tendo em vista que houve eleições. Entretanto, há de se considerar que a democracia

não se resume ao ato da eleição, ela vive do cotidiano que ajuda a instaurar, e este tem enfrentado momentos difíceis. Demonstrações de “namoro” com a nostalgia de uma ditadura presa a um passado mitificado; o caráter messiânico de certos representantes políticos; os ataques aos grupos minoritários, entre eles indígenas, negros e negras, homossexuais, queers ou transexuais; o desrespeito a formas de religião distintas das de matriz cristã-judaica; a ampliação de poderes de classificação do sigilo de documentos históricos; a repressão à liberdade pedagógica a partir da justificativa de doutrinação ideológica; a flexibilização do porte de armas de fogo; a celebração do exílio de adversários políticos, só têm feito soar o despertador do medo, para quem é adepto dos valores democráticos e dos direitos humanos (SCHWARCZ, 2019, p. 236, grifos da autora).

A partir das palavras enunciadas por Schwarcz (2019), considera-se que as referidas manifestações antidemocráticas, por apresentarem uma agenda de encontro ao que prediz uma democracia, reclamam uma reflexão. Nesse sentido, conjecturamos que, por se alinharem a Bolsonaro, bem como pela agenda circundante dos atos, esses sujeitos se colocam, no espectro político, à direita/extrema direita. Fazendo-se uma relação entre os eventos *pró-impeachment* de Dilma e a favor de Bolsonaro, observa-se o uso da bandeira brasileira e da camiseta da seleção nos dois movimentos cujas preconizações, sob a insígnia desses signos ideológicos, são permeadas pelo ultranacionalismo. A figura 11 ilustra um momento do evento realizado por apoiadores de Bolsonaro.

Figura 11: Os signos ideológicos em defesa do governo Bolsonaro



Fonte: Adler (2020)

Registrada em Brasília (DF), no dia 16 de junho de 2020, a imagem demonstra manifestantes que, vestindo a camiseta amarela, se unem em círculo em torno da bandeira brasileira. Observa-se, em um âmbito semiótico, que alguns desses atores sociais envolvem, em seus corpos, a bandeira. Esse gesto possibilita duas constatações. Em primeiro lugar, ele ancora a hipótese nodal dessa pesquisa: a apropriação desses signos ideológicos por parte de sujeitos da direita/extrema direita brasileira. Em segundo lugar, também corrobora o prognóstico de que há um processo de polarização do tecido brasileiro sob a fronteira do *nós* versus *eles*.

Além disso, também se observa na imagem a posição corporal desses manifestantes que estão ajoelhados em volta da bandeira. Essa forma de colocar-se em torno do signo pode ser considerada um eco de uma das pautas defendidas por Bolsonaro durante sua campanha eleitoral em 2018: o discurso religioso. Ao potencializar a religião como uma possível ferramenta contra a corrupção e em defesa da “família tradicional”, o então candidato Bolsonaro encontrou apoio no conservadorismo religioso de muitos brasileiros que se opõem a pautas como o aborto e as reivindicações dos LGBTs. Usando, portanto, fé e religião como um meio para alcançar brasileiros que se identificam com essas agendas, Bolsonaro soube

usar isso a seu favor, garantindo o apoio de parte da população religiosa que compartilhava do seu *slogan Deus acima de tudo* e, sobretudo, encontrava nele um representante de suas pautas.

Já eleito, durante seu segundo ano de mandato, em maio de 2020, Jair Bolsonaro também ornamentado com uma camiseta da seleção, conforme ilustra a Figura 12 abaixo, participou desses atos. O presidente, fazendo-se sujeito participativo desses episódios contra a democracia, enquanto representativo da sociedade - uma vez que é o presidente da república, ressoa a voz de quem compactua com as pautas defendidas e, sobretudo, é importante ressaltar, alia-se e confere legitimidade a elas, uma vez que, sendo, possivelmente um coro de apoio às vozes outras, instaura, ao corpo social, os mesmos sentidos.

Figura 12: Bolsonaro em atos antidemocráticos



Fonte: Wálter Nunes (2020)

É possível apreender, por meio de um olhar cujas lentes perscrutam os atos que ocuparam as arenas política entre 2013 e 2020, vozes que, adquirindo novas entonações tendo em vista que são potencializada por brasileiros de direita/ extrema direita, reverberam sentidos construídos por meio de novas roupagens, cujas tessituras são costuradas por inúmeras camadas. Faz-se importante, ademais, a percepção de que esses fios se encontram ligados a muitos outros que há décadas atravessam a malha social brasileira. O autoritarismo,

por exemplo, atrelando-se ao ideário ultranacionalista que usa tanto a bandeira nacional quanto a camiseta da seleção, possui raízes históricas, as quais ainda sustentam o Brasil. Reclama-se, então, entender que “história não é bula de remédio nem produz efeitos rápidos de curta ou longa duração. Ajuda, porém, a tirar o véu do espanto e a produzir uma discussão mais crítica sobre nosso passado, nosso presente e sonho de futuro” (SCHWARCZ, 2019, p. 21).

Calcando-se nessa ambientação sócio-histórica, constatam-se duas principais similitudes impressas nas manifestações examinadas na presente pesquisa. A primeira delas diz respeito aos atores envolvidos, dos quais, a grande maioria, se posiciona à direita/ extrema direita. A segunda semelhança, centra-se no ato desses brasileiros usarem, como vestes, dois os signos ideológicos: a bandeira nacional e a camiseta da seleção. Essas analogias não se centram no campo do acaso, pois elas estão imbricadas no evento da volta da direita/ extrema direita ao palco político, cujos protagonistas ao usarem esses signos ideológicos, ressoam um novo centro de valor, do qual, os sujeitos que não compactuam com a agenda promovida, são excluídos.

Tais efemérides que historicamente atravessam o Brasil predizem a necessidade de um olhar atento, uma vez que essas crises, por serem deletérias, projetam déficits sociais, políticos e culturais. Diante disso, propomos um olhar a esses movimentos a partir dos postulados do Círculo de Bakhtin, tendo em vista que essa epistemologia, por ser circundada pelas diversas áreas das ciências humanas, possibilita um estudo profundo que visa a refletir acerca de práticas discursivas e sociais que perfazem a vida humana.

3. O CÍRCULO DE BAKHTIN E SEUS PRINCÍPIOS: FUNDAMENTOS PARA UM ESTUDO DIALÓGICO

Neste capítulo, perpassaremos os estudos advindos do Círculo de Bakhtin que, de certa maneira, opõem-se aos arcabouços cujas lentes concebem a linguagem a partir de um olhar formal. Desse modo, para que possamos examinar o corpus de estudo, em um primeiro momento realizaremos uma sumária apresentação a respeito da constituição do Círculo bakhtiniano. Posteriormente, ainda que os conceitos desenvolvidos pelo Círculo estejam postos dialeticamente e em interlocução, serão destacados os seguintes conceitos oportunos ao movimento investigativo: dialogismo, enunciado concreto, signo ideológico, forças centrífugas e centrípetas, avaliação social, ênfase valorativa e coro de apoio.

3.1 O Círculo: gênese e princípios gerais

O Círculo de Bakhtin consiste em um grupo de intelectuais que se reuniu na Rússia, entre 1919 e 1929, com o propósito de desenvolver reflexões acerca de diferentes temáticas (FARACO, 2009). Sabe-se que

os estudos advindos do que se denomina, hoje, pensamento bakhtiniano, envolvem os trabalhos produzidos, ao longo de várias décadas, por Mikhail Bakhtin (1895-1975) e outros intelectuais russos [...]. O conhecimento produzido em diálogo intelectual por esses cientistas/literatos, filólogos, filósofos/professores/artistas integra o que pesquisadores contemporâneos denominam, não sem polêmica, *Círculo (de Bakhtin)*. (BRAIT, 2012, p. 11, grifos da autora).

Nesse sentido, conforme sublinha Brait (2012), a nomenclatura Círculo de Bakhtin foi atribuída pelos leitores da teoria. Circunscrito em um âmbito multidisciplinar, o Círculo é composto por pensadores de diversas formações e profissões - literária, filosófica, científica e artística. Dentre os vários pensadores, destacamos, em virtude de questões científico-acadêmicas, Valentin Volóchinov, formado em estudos linguísticos no ano de 1927 e pesquisador de estudos de pós-graduação; Pavel Medvedev, graduado em Direito e educador da área literária no Instituto Pedagógico Herzen, localizado em Leningrado; e Mikhail Bakhtin, cuja formação foi em estudos literários, atuando como professor, antes e depois de ser exilado no Cazaquistão, durante a Segunda Guerra Mundial.

Propondo-se a contribuir para a criação de uma epistemologia que, atrelada ao marxismo, concebesse a linguagem como um fenômeno ideológico, o Círculo bakhtiniano se

opôs ao objetivismo abstrato e ao subjetivismo individualista²⁰, que consideravam, respectivamente, a língua fora do uso real e enquanto usada individualmente pelos sujeitos. É importante sublinhar, ainda, outro projeto intelectual pretendido pelos membros do Círculo: como é possível ler em Faraco (2009), eles buscavam, também, contribuir para o desenvolvimento de uma teoria marxista chamada de criação ideológica, da produção e dos produtos do espírito humano.

Os escritos bakhtinianos estão centrados na perspectiva dialógica da linguagem e oferecem, do ponto de vista teórico e metodológico, possibilidade de reflexão a respeito de diferentes materialidades discursivas que atravessam e constituem os sujeitos, de modo que, tendo se iniciado nas primeiras décadas do séc. XX, “a perspectiva dialógica não cessa de produzir conhecimento ao longo desse percurso que atravessa o século XX e chega ao século XXI, apresentando-se como um complexo de veredas dialógicas [...]” (BRAIT; PISTORI, 2019, p. 8).

3.2 Dialogismo bakhtiniano: as relações de sentido

Os postulados do Círculo de Bakhtin apresentam “um fio condutor perpassando as reflexões, e esse meio comum foi o *dialogismo*” (DELANOY, 2020, p. 155, grifo do autor). Assim, preceito circundante do ideário bakhtiniano, o dialogismo é uma noção basilar, compreendido como “o princípio da linguagem que pressupõe que todo discurso é constituído por outros discursos, mais ou menos aparentes, desencadeando diferentes relações de sentido” (DI FANTI, 2009, p. 80). Nesse âmbito, deve-se conceber o dialogismo como um fundamento polivalente que prescreve, na qualidade de fenômeno próprio de qualquer discurso vivo, um duradouro diálogo com o outro. Trata-se de considerar, portanto, que todo locutor edifica seu discurso pressupondo as palavras de outrem atravessadas em sua discursividade, tendo em vista que a essência real da língua é a interação, pois

a orientação dialógica do discurso é, evidentemente, um fenômeno próprio de qualquer discurso. É a diretriz natural de qualquer discurso vivo. Em todas as suas

²⁰ Em MFL, Volóchinov critica as duas orientações filosófico-linguísticas predominantes no início do séc. XX, usando as nomenclaturas subjetivismo individualista e objetivismo abstrato, buscando contemplar, em dois grupos, os estudos sobre a linguagem que, embora vigentes na época, não constituem escolas em si mesmos. Destaca-se que os principais representantes desses grupos eram, respectivamente, Wilhelm Humboldt/Karl Vossler e Ferdinand de Saussure

vias, o discurso se depara com a palavra do outro e não pode deixar de entrar numa interação viva e tensa com ele. Só o Adão Mítico, que chegou com sua palavra primeira ao mundo virginal ainda não pré-condicionado, o Adão solitário, conseguiu evitar efetivamente até o fim essa orientação dialógica mútua com a palavra do outro o objeto (BAKHTIN, 2015, p. 51).

À vista do que enuncia Bakhtin, sublinhamos que todo ato de dizer é dialogizado e, por se relacionar sempre a um “já dito”, instituiu-se como uma réplica permeada por uma memória discursiva. Diante disso, também é possível contemplar o dialogismo como as múltiplas relações de sentido que são estabelecidas entre enunciados, conjecturando a relação *eu-outro* que está circunscrita nos postulados bakhtinianos. Nesse sentido, o Círculo assevera que todo projeto enunciativo possui um endereçamento, uma vez que em sua essência “a palavra é um ato bilateral [...] é determinada tanto por aquele *de quem* ela procede tanto *para quem* ela se dirige. Enquanto palavra, ela é justamente o *produto das inter-relações do falante com o ouvinte*” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 205, grifos do autor).

Desse modo, pensar a linguagem²¹ sob o enfoque dialógico, pressupõe observar o seu caráter dinâmico, além de lembrar que

a língua não é algo imóvel, dado de uma vez por todas e determinado de modo rigoroso em suas “regras” e “exceções” gramaticais. A língua não é, de modo algum, um produto morto e petrificado da vida social: ela movimenta-se ininterruptamente, seguindo em seu desenvolvimento a vida social. Esse movimento progressivo da língua realiza-se no processo de comunicação do homem com o homem, comunicação esta que não é só produtiva, mas também *discursiva* (VOLÓCHINOV, 2019, p. 267, grifos do autor).

É possível verificar, portanto, a partir das observações precedentes, que o princípio da dialogicidade instaura, além de relações de sentido, uma interlocução entre sujeitos. Assim, os sentidos dialógicos realizados na enunciação não são individuais, mas sim projetados em múltiplas relações com o outro, tecendo uma cadeia de sentidos, pois cada palavra enunciada é, inevitavelmente, atravessada por uma palavra alheia. Significa perceber, assim sendo, que um enunciador, ao projetar seu discurso, leva em conta os discursos outros presentes no seu, uma vez que o discurso humano é um fenômeno bilateral: a materialização da linguagem pressupõe não só um locutor presumido, mas também um falante ativo, ainda que este esteja

²¹ Em russo, o termo *iazyk* pode ser compreendido tanto como língua quanto como linguagem, não havendo distinção entre as duas concepções. Além disso, por não refletir de modo dicotômico, o Círculo transcende as diferenciações entre linguagem e língua alvitadas por outras epistemologias, logo, trata-se de não compartimentar tais termos, pois o olhar bakhtiniano sobre a linguagem é conjecturado por meio de uma lente filosófica que não se ocupa dessas oposições.

ausente (VOLÓCHINOV, 2019). Além disso, observamos que esse olhar dialógico possibilita examinar os *tweets* selecionados em relação a discursos outros, o que se torna bastante produtivo, se pensarmos que os enunciados veiculados no *twitter* são ecos de valorações potencializadas por vozes outras.

3.3 Enunciado: a concretude da linguagem

Sob a ótica bakhtiniana, a materialização do discurso ocorre por meio de enunciados concretos (orais e escritos), proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo de atividade humana (BAKHTIN, 2016). Nesse sentido, os enunciados são uma realização social, uma forma de comunicação que não pode ser separada do ambiente que a engendra, em uma indissociável relação com o mundo. Impõe-se salientar, contudo, que os enunciados são perscrutados no nível do irrepetível, pois, tendo em vista que a cada enunciar é provida uma entonação, os enunciados se exteriorizam como um acontecimento único. Enquanto isso, sob o nível do repetível, estão as unidades da língua, como sons, palavras e orações (FIORIN, 2016). Desse modo, enquanto concretude da linguagem, os enunciados são constituídos por estilo, conteúdo temático e forma composicional.

O estilo, entre os elementos que constituem a natureza do enunciado, pode ser entendido como o conjunto de procedimentos de acabamento (FIORIN, 2016). Portanto, nos escritos bakhtinianos, o conceito de estilo emerge enquanto escolhas lexicais e fraseológicas, tratando-se dos recursos linguísticos (sintáticos, semânticos, lexicais, discursivos, etc.) mobilizados para construir um enunciado, os quais definem a especificidade de todo projeto de dizer. Pode-se enunciar, ainda, que o estilo particulariza o discurso, projetando uma imagem do locutor. Todavia, institui-se acentuar que

todas as palavras [...] além das minhas próprias, são palavras do outro. Eu vivo em um mundo de palavras do outro. E toda minha vida é uma orientação nesse mundo; é reação às palavras do outro a começar pela assimilação delas e terminando na assimilação das riquezas da cultura humana (BAKHTIN, 2017, p. 38).

Diante do enunciado acima, observa-se o estilo como uma categoria também permeada pelo movimento de alteridade que pressupõe a presença do outro, pois ao enunciar o locutor projeta um endereçamento, um interlocutor presumido, um discurso alheio. Percebe-se, desse modo, que o estilo apresenta certa comunhão com o interlocutor, pois ele

adquire forma nas condições de diálogo. O conteúdo temático, enquanto constitutivo do enunciado, pode ser concebido como aquilo do que se fala, não sendo especificamente o assunto, mas o domínio de sentido do qual se ocupa o discurso. Por fim, a construção composicional se configura como o modo de construir cada enunciado, de organizar o discurso. Além dos elementos mencionados (estilo, conteúdo temático e forma composicional), o olhar bakhtiniano, ao propor o enunciado como a “unidade real do discurso” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 268), engendra que ele também reflète

as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissoluvelmente ligados no conjunto do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um campo de comunicação. (BAKHTIN, 2016, p.12).

Observamos, logo, que todo enunciado concreto é constituído pelo campo de atividade humana ao qual ele está atrelado, o que, inevitavelmente, reclama ao pesquisador um olhar às condições sócio-históricas das quais o enunciado emerge. Cabe destacar, todavia, que a situação extraverbal não é um agente externo que atua de forma mecânica sobre o enunciado, pois *“a situação integra o enunciado como uma parte necessária da sua composição semântica”* (VOLÓCHINOV, 2019, p 120, grifos do autor). Nessa perspectiva, o enunciado concreto é composto por duas partes: uma verbalmente realizada e outra subentendida. A ideia de subentendido, para o Círculo, refere-se àquilo comum a todos os partícipes da comunicação, a unidade real do mundo que integra o horizonte dos falantes e gera o caráter compartilhado das avaliações. Desse modo, todo enunciado é social justamente porque *“a particularidade dos enunciados da vida consiste justamente no fato de que eles estão entrelaçados por mil fios ao contexto extraverbal da vida e, ao serem isolados dele, perdem praticamente por completo o seu sentido”* (VOLÓCHINOV, 2019, p. 121).

Nesse âmbito, os projetos enunciativos possuem sempre um endereçamento porque em sua essência *“a palavra é um ato bilateral. Ela é determinada tanto por aquele de quem ela procede tanto para quem ela se dirige. Enquanto palavra, ela é justamente o produto das inter-relações do falante com o ouvinte”* (VOLÓCHINOV, 2018, p. 215, grifos do autor). Contemplamos, dessa forma, que a materialização da língua é sempre endereçada a uma resposta, pois, em algum momento, o interlocutor, ao compreender o significado enunciativo ocupa, acerca dele, um posicionamento ativo responsivo: converge ou diverge, parcial ou

totalmente; complementa, adapta, etc. (BAKHTIN, 2016). Depreende-se, assim, que o todo da compreensão é responsivo ativo e expresso em um ato de resposta. Salientamos, porém, que nessa atmosfera responsiva nem todas as respostas ocorrem ao final de um enunciado, pois, entendendo que os gêneros são relativamente estáveis (BAKHTIN, 2016), vê-se que eles podem suscitar diferentes formas responsivas. Convém destacar, nessa perspectiva, que o silêncio também se configura como uma resposta, ou seja, também é habitado por sentido porque, em uma ordem militar, por exemplo, a resposta ocorre na forma de ação de cumprimento do comando. Dessa maneira, a compreensão responsiva pode ocorrer por meio do discurso verbal subsequente do interlocutor, ou do seu comportamento – de uma ação.

Tendo em vista que todo projeto enunciativo apresenta uma construção discursiva, cabe sublinhar que todos os elementos apontados como constitutivos do enunciado circundam o conceito de arquitetônica que não apresenta uma definição estanque, pois encontra-se dissolvido nos escritos do Círculo. Assim, o todo arquitetônico compreende a tessitura de sentidos na totalidade englobante de um enunciado que é realizado em um evento-ato responsável. A arquitetônica, nesse sentido, pode ser contemplada como

[...] as formas dos valores morais e físicos do homem estético, as formas da natureza enquanto seu ambiente, as formas do acontecimento no seu aspecto de vida particular, social, histórica, etc.; todas elas são aquisições, realizações, não servem a nada, mas se auto-satisfazem tranquilamente; são as formas da existência estética na sua singularidade. [...] A forma arquitetônica determina a escolha da forma composicional (BAKHTIN, 1998, p. 25).

Pode-se verificar que a totalidade arquitetônica emerge do centro de valores que habita o ser humano, pois há um sujeito que dialoga, procurando estabelecer relações interlocutivas no seu cotidiano. Diante disso, observa-se que a arquitetônica concreta possibilita refletir acerca dos sentidos axiológicos que atravessam o ser humano dentro de uma diversidade cultural, sem descartar as análises formais, porém destacando os movimentos dialógicos. A partir do exposto, destaca-se que a compreensão do todo arquitetônico de um texto não reclama um olhar mecânico, mas sim um movimento que resgate a totalidade concreta enunciada por um sujeito singular.

3.4 Signo ideológico: um palco de lutas de vozes

De acordo com os postulados do Círculo bakhtiniano, além dos fenômenos da natureza, dos objetos tecnológicos e dos produtos de consumo, os signos ideológicos também circundam a vida humana (VOLÓCHINOV, 2018). Observamos, desse modo, que qualquer elemento pode adquirir estatuto de signo ideológico, desde que, emergente de um universo de relações interindividuais, atrele-se a determinado campo ideológico.

Uma vez que os signos ideológicos são socioculturais, eles devem ser examinados a partir da situação verboideológica que lhes confere sentidos, e não a partir de um lugar isolado, como se fossem resultantes de um processo individual. Nesse sentido, para o Círculo, um instrumento de produção por si só, por exemplo, não possui sentido; é habitado apenas por uma função de produção. Todavia, quando habita um fenômeno da realidade material, tornam-se fenômeno da realidade ideológica, isto é, um signo ideológico que pode ser atravessado por distintas valorações. Propomos, para fins ilustrativos, uma reflexão a respeito da mão fechada em forma de punho cerrado, demonstrada a seguir:

Figura 13: Punho cerrado enquanto signo ideológico



Fonte: Oliveira (2016)

Não há consenso acerca da origem das materializações do punho cerrado. Sabe-se, todavia, que ele se consolidou como gesto de resistência pós-primeira guerra mundial (1914

– 1918) e durante a guerra civil espanhola (1936 – 1934). Após a segunda guerra, porém, o gesto assumiu outro tom axiológico ao ser materializado, na década de 60, nos movimentos pelos direitos civis americanos. Um punho cerrado pode expressar diferentes sentidos. No cotidiano, por exemplo, “em um acesso de raiva, ameaçamos alguém com o punho cerrado” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 126), ecoando significações relativas à briga e ataque. Já em um ambiente sócio-histórico de lutas antirracistas, o punho cerrado se consolidou como signo usado pelo movimento negro.

Nesse âmbito, quando um elemento atrela-se a determinado campo de atividade humana, ele assume estatuto de signo ideológico, ultrapassando os limites de sua existência, tendo em vista que o campo ideológico e o campo do signo se encontram. Ressalta-se, ainda, como foi possível perceber, que ao ser materializado em distintas esferas, na interação entre distintos indivíduos, o signo assume diversos tons valorativos, podendo ser habitado por sentidos de luta e/ou de resistência. Nesse sentido, tendo em vista que diferentes esferas comungam o uso de um mesmo signo, ele é atravessado por pluriacentuações, tornando-se arena da luta de classes. Assim, ao detectar que os signos surgem no movimento de interlocução entre os sujeitos, Volóchinov (2018) corrobora que mudanças de organização social podem suscitar a ressignificação dos signos, pois ao gesticular e entonar, o ser ocupa um posicionamento ativo em relação a determinados valores, tendo em vista que

qualquer produto ideológico é não apenas uma parte da realidade natural e social – seja ele um corpo físico, um instrumento de produção ou um produto de consumo – mas também, ao contrário desses fenômenos, reflete e refrata outra realidade que se encontra fora de seus limites. Tudo o que é ideológico possui uma *significação*: ele representa e substitui algo encontrado fora dele. Ou seja, ele é um *signo*. *Onde não há signo também não há ideologia* (VOLÓCHINOV, 2018, p. 91, grifos do autor).

No intrínseco movimento de referenciar o mundo, os signos ideológicos projetam, portanto, duas operações simultâneas: refletem e refratam determinada realidade social em movimento. Isto é, por meio dos signos ideológicos é possível apontar para alguma materialidade do mundo, porém esse movimento é refratado - interpretado. O Círculo bakhtiniano engendra, então, a proposição de que os sentidos sígnicos não são dados em si, tampouco em um sistema abstrato e atemporal, mas sim construídos em uma situação de vida social, atravessados por determinada realidade sócio-histórica e a partir de distintos acentos axiológicos projetados por vozes sociais. À vista disso, apreende-se que o movimento de refletir e refratar ocorre porque as comunidades linguísticas são organizadas por distintos

grupos de vozes, os quais, a partir de diferentes realidades materiais e ênfases ideológicas, podem suscitar a reacentuação de signos.

O mencionado movimento de reflexo e refração que pode culminar na ressignificação de signos ideológicos faz-se importante para o presente estudo uma vez que vem ao encontro da nossa hipótese que propõe a reavaliação da bandeira brasileira e da camiseta da seleção. Portanto, esses processos acerca dos signos predizem um possível esclarecimento no caminho que busca perceber como a mencionada reacentuação da bandeira e da camiseta ocorreu no horizonte social brasileiro. Assevera-se, dessa forma, que ao serem refletidas e refratadas nos signos, as diferentes visões de mundo atribuem-lhes novas nuances de sentido, projetando diferentes avaliações. Desse modo,

a enunciação de um signo é sempre também a enunciação de índices de valor, isto é, a enunciação de um signo tem efeitos de sentido que decorrem da possibilidade de sua ancoragem em diferentes quadros semântico-axiológicos, em diferentes horizontes sociais de valor (FARACO, 2009, 9. 54).

Observamos, então, que os signos ideológicos emergem das relações interindividuais, ou seja, é a partir das apreciações realizadas, que qualquer elemento circunscrito na vivência humana pode se tornar um signo ideológico, desde que seja encoberto por um centro de valor. É importante salientar, sobretudo, que esse processo ocorre por meio da relação sujeito-mundo, uma vez que os signos ideológicos refletem e refratam a realidade social.

3.5: O centrífugo e o centrípeto: as forças discursivas

A palavra, por também ser signo ideológico, é atravessada por vozes que, habitando um universo tensivo, veiculam forças discursivas. Esse simpósio universal de muitas vozes caracteriza o que Bakhtin desenvolve como heterodiscurso (BAKHTIN, 2015), ao conceber que a linguagem não contempla somente como um emaranhado de variantes sociais, diatópicas e diatráticas, pois ela é uma coexistência de “contradições socioideológicas entre o presente e o passado, entre diferentes épocas do passado, entre diferentes grupos socioideológicos do presente” (BAKHTIN, 2015, p. 66). Portanto, além de atuarem como um conjunto de vozes que movimentam pontos de vista sobre o mundo, as vozes são horizontes semântico-

axiológicos específicos, podendo completar, contradizer ou correlacionar umas às outras.

Assim:

Cada enunciação concreta do sujeito do discurso é um ponto de aplicação tanto de forças centrípetas quanto das centrífugas. Nela se cruzam os processos de centralização e descentralização, unificação e separação, um basta não só a sua língua como materialização discursiva individual como também basta ao heterodiscurso, é seu participante ativo. E essa comunhão ativa de cada enunciado no heterodiscurso vivo determina a feição linguística e o estilo do enunciado em grau não inferior à sua pertença ao sistema normativo-centralizador da língua única (BAKHTIN, 2015, p. 42).

Diante disso, é possível perceber que, em virtude da ação de forças centrífugas e centrípetas, a palavra, enquanto signo ideológico, torna-se uma arena de luta entre vozes. Uma voz que evidencie uma força centrífuga está se propondo a uma descentralização do diálogo, a uma abertura enunciativa, isto é, mostra-se permeável e mantém a heterodiscursividade. As vozes que usam forças centrípetas, no entanto, visam a impor, no simpósio semântico-discursivo, determinado centro valorativo, ou as suas “verdades”. Então, por buscarem sufocar vozes em detrimento de outras, as forças centrípetas, ao serem consideradas vozes imperativas, aniquilam os sentidos múltiplos.

Logo, as vozes que atuam no heterodiscurso podem manifestar-se por meio de forças centrífugas que, por serem heterogêneas, não centralizam um ponto de vista, ou, ainda, mobilizar as forças centrípetas que, ao se mostrarem homogêneas, centralizam o diálogo. A presente reflexão reclama ressaltar, entretanto, que não se trata de contemplar as forças centrífugas como “benéficas” e as forças centrípetas como “maléficas”; seria positivo, por exemplo, se forças centrípetas fossem veiculadas para rebater discursos racistas, homofóbicos, machistas, etc. Trata-se, então, de averiguar que tais forças discursivas são encarnadas por diferentes locutores com distintos projetos enunciativos.

3.6 Avaliação social e ênfase valorativa

Tendo em vista as reflexões realizadas em palavras preambulares, é possível observar que todo discurso, por ser dialógico, é orientado para o outro e, diante disso, pressupõe a consideração da relação sócio-hierárquica existente entre locutores sujeitos (VOLÓCHINOV, 2019). A avaliação do enunciado “quero comer”, por exemplo, pode sofrer alterações

dependendo da posição social dos locutores envolvidos na comunicação, isto é, do ambiente social mais próximo. Pensemos, nesse sentido, em um falante que, ao expressar a sensação de fome a uma pessoa que tem obrigação de alimentá-lo, projeta um tom imperativo, de ordem. Assim, essa expressão fisiológica, para ser veiculada, é atravessada pela posição social e histórica dos locutores, pois a valoração projetada depende de alguns elementos: quem tem fome, a quem a fome é enunciada e em qual meio se dá esse processo comunicativo (VOLÓCHINOV, 2019). Destacamos, diante disso, que a ênfase valorativa possui uma orientação social.

À vista do exposto, consideramos que uma mesma palavra, quando enunciada com diferentes ênfases valorativas, também é habitada por diferentes significações, por isso a entonação se torna “a expressão sonora da avaliação social” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 287, grifos do autor). Nesse âmbito, a escolha das palavras também atrela-se à ênfase valorativa e à avaliação social, uma vez que toda palavra falada ou pensada não é apenas um ponto de vista, mas um ponto de vista avaliador (VOLÓCHINOV, 2019), no qual a realidade é refletida. Pensemos, para fins exemplificativos, no caso de João Alberto Silveira Freitas, homem negro assassinado por seguranças do supermercado Carrefour, em Porto Alegre (2020). Para noticiar o crime, alguns veículos de imprensa usaram, em vez de “assassinato”, a palavra “morte” que, de uma forma geral, parece modalizar e veicular um sentido cuja ênfase valorativa atenua a gravidade do fato, pois ao enunciar o locutor ocupa uma posição social ativa em relação a determinados valores.

Na vida, a palavra não é autossuficiente “ela surge da situação cotidiana extraverbal e mantém uma relação muito estreita com ela” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 117), por isso tanto a ênfase valorativa quanto a avaliação social englobam, além da palavra, a situação extraverbal do enunciado. Trata-se, portanto, de três aspectos: do horizonte espacial comum dos falantes, do conhecimento e a compreensão da situação comum aos dois e, por fim, da avaliação comum da situação, assim a avaliação social não se dá em absoluto no conteúdo da palavra, mas sim pela escolha das palavras e a constituição do todo enunciativo. A ênfase valorativa, finalmente, estabelece uma relação estreita da palavra com o contexto extraverbal, levando a palavra além dos limites verbais.

Desse modo, quando um locutor enuncia, ele projeta uma ênfase valorativa e encontra uma avaliação social, tendo em vista que, dado o seu caráter axiológico, toda palavra é habitada por visões de mundo, uma vez que a “língua não é um meio neutro, não é *res nuulius*,

que passa fácil e livremente à propriedade intencional do falante: ela é povoada e repovoada por intenções alheias” (BAKHTIN, 2015, p. 70, grifos do autor).

3.7 Coro de apoio: em busca de sustentação valorativa

Diante do exposto na seção anterior, podemos observar que uma palavra, quando enunciada, é atravessada por vozes que buscam uma sustentação à ênfase valorativa e à avaliação social, visto que o caráter compartilhado da avaliação subentendida “é o tecido no qual o discurso humano borda seus desenhos entonacionais” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 124). Nessa perspectiva, percebe-se que os sujeitos, ao enunciar, buscam um coro de apoio que atua como uma base para as valorações veiculadas, isto é, a voz do outro que sustenta a minha voz. Trata-se, portanto, de uma

comunidade das valorações: o pertencimento dos falantes a uma mesma família, profissão, ou classe social, a algum grupo social e, finalmente, a uma mesma época, posto que todos os falantes são contemporâneos. As valorações subentendidas aparecem então não como emoções individuais, senão como atos socialmente necessários e consequentes. As emoções individuais, por sua vez, somente podem acompanhar o tom principal da valoração social em sua qualidade de matiz: um “eu” somente pode realizar-se na palavra se apoia nos ‘outros’. (VOLÓCHINOV; BAKHTIN, 2011, p. 158, grifos do autor).

Nesse sentido, o constructo bakhtiniano concebe que a existência de um coro de apoio pressupõe a veiculação de um conjunto de vozes que comunguem um mesmo ponto de vista acerca de determinada realidade, permitindo que o locutor ancore o seu enunciado concreto em uma comunidade valorativa. Contudo, é interessante sublinhar que, ao não encontrar uma comunidade de vozes que compartilhe da mesma visão de mundo, a valoração projetada se perde ou é reduzida, como ocorre quando um sujeito que, ao perceber que ri sozinho, perde sua segurança. Assim, se o coro de apoio não existe, a voz perde sua força.

Atrelado a isso, acentuamos a partir de todo o exposto neste capítulo, que o discurso na vida é sempre atravessado não só por incomensuráveis vozes, mas também por distintos centros de valor que buscam sustentáculos na índole compartilhada das avaliações. Desse modo, sob a rubrica do dialogismo, torna-se possível analisar os *tweets* selecionados em relação a discursos outros, buscando examinar as ideologizações que orbitam a bandeira e a camiseta e encontram, no caráter partilhado dessas ideologias, coros de apoio que sustentam as enunciações. Assim, a linguagem é habitada por distintas manifestações ideológicas

projetadas a alguém, com certo objetivo e em determinada circunstância sócio-histórica. Percebendo, então, que “o objeto das ciências humanas é o ser expressivo e falante” (BAKHTIN, 2017, p. 59), recuperam-se, a seguir, os caminhos metodológicos perpassados no exame do *corpus* que compõe esta pesquisa.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: UMA POÉTICA SOCIOLÓGICA

Fundamentando-se no pressuposto bakhtiniano de que os signos surgem na interlocução entre sujeitos e em determinado momento sócio-histórico (VOLÓCHINOV, 2018), serão descritos, neste capítulo, os caminhos metodológicos percorridos nesta pesquisa. Nesse sentido, apresentaremos os enunciados que compõem o *corpus* de estudo, bem como o

trajeto empreendido para selecioná-los. Além disso, apontaremos as diretrizes metodológicas que, propostas por Volóchinov (2018), orientam o processo de exame dos enunciados.

4.1 Enunciados emergentes: a seleção do corpus

Tendo em vista que as reacentuações axiológicas da bandeira brasileira e da camiseta da seleção são observadas a partir de práticas discursivas, o *corpus* que compõe a presente pesquisa é constituído por enunciados concretos obtidos a partir de uma busca no *twitter*. Produzida em 2006 e disseminada em todo o mundo, essa rede social, a partir do questionamento “no que você está pensando?”, sugere que os usuários emitam, em até 140 caracteres, as suas apreciações acerca de qualquer assunto.

O *twitter* se configura, nesse sentido, como um espaço de conversação que possibilita o contato entre diferentes pessoas e, portanto, entre distintas visões de mundo. O uso do *twitter* como ferramenta de busca se fundamenta em três aspectos, a saber: i) no seu caráter discursivo; ii) na sua propriedade de livre expressão de opinião e iii) no atributo de publicar os *tweets* exatamente da maneira enunciada, o que possibilita acesso à estilística dos indivíduos, tornando-se possível analisar, por meio da pontuação e de escolhas lexicais, as entonações suscitadas pelos sujeitos, tendo em vista que “a entonação é a expressão *sonora da avaliação social*” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 27, grifos do autor).

Para selecionar os enunciados, realizou-se uma busca no *twitter* a partir dos termos *camiseta da seleção e bandeira do Brasil*. Essa busca foi realizada a partir do dia 2 de maio de 2020 porque nessa data houve, em Brasília, um protesto no qual os brasileiros presentes usavam a bandeira e a camiseta. Tendo em vista que esses signos ideológicos foram usados também em outros atos, justifica-se a escolha desse protesto devido à gravidade da agenda defendida nele: o fechamento do Congresso Nacional e um novo AI 5. Assim, a partir dessa busca em contas públicas do *twitter*, foram selecionados os quatro primeiros enunciados que evidenciam a reacentuação dos signos ideológicos.

Ainda durante a seleção dos enunciados, por entender o *tweet* como um gênero discursivo, usamos a noção de construção composicional. Proposta pelo Círculo bakhtiniano, a construção composicional é composta pelo conteúdo temático e pelo estilo, elementos os quais “estão indissolavelmente ligados *no conjunto* do enunciado” (BAKHTIN, 2016, p. 12, grifos do autor). Sumariamente, entende-se a estrutura composicional como o modo que delinea cada projeto de dizer. Já o conteúdo temático pode ser concebido como aquilo do

que se fala, não sendo especificamente o assunto ou o tópico, mas as significações ecoadas no discurso. O estilo se configura na maneira como o locutor organiza o enunciado, a partir das seleções lexicais e gramaticais da língua.

Veiculados entre os dias 3 e 5 de maio de 2020, os enunciados coletados dialogam em termos de estrutura, tema e estilo, além de apresentarem um projeto enunciativo em comum: apontam, aos signos, uma possível valoração diferente do tom excludente suscitado pelos atores alinhados à direita/extrema direita. Arquitetados em forma de resposta à imersão dos signos ideológicos na esfera política, os enunciados que compõem o *corpus* são engendrados a partir de um excedente de visão que tece sentidos. Assim, estão dispostos, no quadro 1, os enunciados selecionados.

Quadro 1: Corpus de estudo

LOCUTOR	ENUNCIADO
LOCUTOR 1	Vocês têm noção que o Bolsonaro conseguiu manchar muito a bandeira do Brasil, tipo eu não compraria nem a pão uma camiseta da seleção brasileira.
LOCUTOR 2	Triste mesmo é a gloriosa camiseta canarinho da seleção brasileira hoje em dia ser símbolo do atraso, do preconceito, do fascismo.
LOCUTOR 3	Constatarei que se a pessoa usar a camiseta da seleção, bandeira do Brasil nas costas, defender a família e acreditar em Deus ela está liberada para ofender, xingar, divulgar e produzir <i>fakenews</i> , usar besteiras sem nexos como resposta e agredir.
LOCUTOR 4	Patriota, cidadão do bem, bandeira do Brasil, camiseta da seleção (amarela)...não posso nem ver.

Fonte: Elaborado pela autora a partir de uma busca no *twitter* (2020)

4.2 Diretrizes metodológicas: procedimentos de análise

Ao instaurar procedimentos que devem guiar as análises fundamentadas na proposta bakhtiniana, Volóchinov (2018), em MFL, propõe uma ordem metodológica que possibilita a investigação dos enunciados mobilizados. Segundo o pensador soviético, para se observar um enunciado, torna-se primordial observar

- 1) formas e tipos de interação discursiva em sua relação com as condições concretas;
- 2) forma dos enunciados ou discursos verbais singulares em relação estreita com a interação da qual são parte, isto é, os gêneros dos discursos verbais determinados pela interação discursiva na vida e na criação ideológica; 3) partindo disso, revisão da língua em sua concepção linguística habitual (VOLÓCHINOV, 2018, p. 2020).

Pode-se perceber, a partir da ordem proposta acima, que as três diretrizes preconizadas por Volóchinov abrangem os aspectos que constituem a natureza de um enunciado. Evidencia-se, então, a necessidade de se considerar os elementos extraverbiais não só porque eles compõem a arquitetura do enunciado, mas também porque a palavra na vida não é autossuficiente, pois ela surge da situação cotidiana extraverbal. À vista disso, no primeiro capítulo deste trabalho, buscou-se observar o contexto sociopolítico brasileiro circunscrito entre 2015 e 2016, cumprindo-se, então, a primeira diretriz da ordem metodológica, tendo em vista que os enunciados analisados são emergentes dessas condições sócio-históricas. Assim, dentre os aspectos metodológicos a serem seguidos, os enunciados coletados foram examinados em suas múltiplas relações, averiguando os fios dialógicos que permeavam os projetos de dizer, pois, tendo em vista que cada enunciado é um elo na cadeia de comunicação discursiva, é preciso seguir o preceito bakhtiniano que prediz todo discurso como um momento, “uma gota no fluxo da comunicação discursiva, tão ininterrupto quanto a própria vida social e a própria história” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 267).

Em um segundo momento, contemplando a segunda diretriz metodológica proposta por Volóchinov (2018), considerou-se gênero discursivo mobilizado, pois “a vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na *escolha de certo gênero do discurso*” (BAKHTIN, 2016, p. 38, grifos do autor). Percebe-se, desse modo, que todo enunciado reflete características de determinado gênero relativamente estável, o que pressupõe um necessário olhar à interação da qual o enunciado emerge. Seguindo a última diretriz metodológica, após verificar o contexto e o gênero discursivo que edifica os enunciados objetos de análise, foram verificadas as formas linguísticas mobilizadas pelos locutores. Assim, ancorando-se no que propõe o Círculo bakhtiniano, os quatro *twittes* foram examinados a partir dos seguintes conceitos: dialogismo, enunciado concreto, signo ideológico, forças centrífugas/centrípetas, ênfase valorativa, avaliação social e coro de apoio.

Por fim, faz-se importante destacar que como o presente estudo ancora-se no dialogismo, a análise de cada *tweet* será realizada em diálogo com outros enunciados que também tratam do uso da bandeira e da camiseta, como um ato responsivo. Dessa maneira,

o *corpus* da presente pesquisa é composto pelos enunciados coletados do *twitter*, porém, tendo em vista que os *tweets* selecionados são respostas a outros discursos, estes outros também serão comentados.

Apresentados os procedimentos de coleta e as diretrizes metodológicas, passamos às análises dos enunciados.

5 REACENTUAÇÕES DOS SIGNOS IDEOLÓGICOS: A BANDEIRA E A CAMISETA COMO FONTE IDENTITÁRIA DA DIREITA

Do contexto sociopolítico e do movimento que potencializou a reacentuação da bandeira nacional e da camiseta da seleção, emergem vozes cujos projetos enunciativos veiculados reverberam relações de tensão e distintas axiologizações. Esse movimento de embate pode ser observado no enunciado do locutor 1: *vocês têm noção que o Bolsonaro*

conseguiu manchar muito a bandeira do Brasil, tipo eu não compraria nem a pão uma camiseta da seleção brasileira, veiculado no dia 3 de maio de 2020, por meio do endereço eletrônico <<https://twitter.com/borgeselianee/status/1257085589100335105>>.

Sob a perspectiva bakhtiniana, todo enunciado é orientado a um outro, todavia, quando esse endereçamento é marcado no discurso, como ocorre quando o locutor 1 emprega o termo *vocês*, é possível averiguar um endereçamento bastante direcionado. Nesse sentido, é possível examinar que o locutor 1 se dirige aos brasileiros que compartilham da mesma visão de mundo projetada por ele. Ainda sobre esse direcionamento que apresenta uma ênfase bastante avaliativa, é possível observar que o locutor pretende chamar a atenção para a reacentuação da bandeira e da camiseta, buscando, possivelmente, evitar que tal reacentuação não seja percebida.

Também é possível, em um primeiro momento, perceber ecos da voz de Jair Bolsonaro, pois, ao afirmar que o presidente *manchou muito* e, portanto, projetou um novo centro de valor à bandeira, o locutor 1, evidencia uma ressonância dialógica. A partir disso, tendo em vista que todo locutor é, de certa forma, um respondente, bem como que cada enunciado é um elo em uma complexa cadeia discursiva, é possível verificar que o enunciado do locutor 1 aflora de discursos outros, instaurando, logo, uma rede de sentidos. Diante disso, por considerar que os sentidos projetados se constituem dialogicamente, mobilizamos o seguinte enunciado de Jair Bolsonaro: *a nossa bandeira jamais será vermelha, só será vermelha se for preciso nosso sangue para mantê-la verde-amarela*, disponível em <<https://extra.globo.com/noticias/brasil/bandeira-jamais-sera-vermelha-diz-bolsonaro-em-discurso-no-palacio-do-planalto-23339528.html>>.

A fim de perceber os efeitos de sentidos ecoados no enunciado do presidente, faz-se primordial conhecer a instância discursiva da qual ele está imbuído. Em primeiro lugar, para conhecer a situação extraverbal, importa destacar o gênero ao qual esse projeto de dizer está veiculado. Trata-se do discurso de posse de Jair Bolsonaro, proferido em 1º de janeiro de 2019. Enquanto balançava a bandeira brasileira, ele falou a milhares de apoiadores, retomando pontos que ampararam toda a sua campanha eleitoral, asseverando, mais uma vez, que “por muito tempo, o país foi governado atendendo a interesses partidários que não o dos brasileiros [...] vamos restabelecer a ordem neste país” (BOLSONARO, 2019). No que tange ao gênero discurso de posse, acentua-se que se trata de um projeto enunciativo que traça um dever importante na sociedade, haja vista que, por estar atrelado à esfera midiática,

apresenta uma circulação em todo o país. Ainda entre os aspectos que constituem o enunciado do presidente, é necessário considerar, também, o auditório presumido. Isto é, ao entender que todo enunciado concreto possui um endereçamento, sublinha-se que Bolsonaro se dirige aos seus interlocutores imediatos presentes no parlatório (seus eleitores). É necessário salientar: por emergir do discurso de posse que se vincula à esfera jornalística, o país como um todo pode ser considerado um interlocutor, sobretudo o público com o qual o discurso de posse estabelece direcionamento presumido.

O presidente, ao se referir para a bandeira por meio do item lexical *essa*, principia seu projeto de dizer e, mobilizando o pronome possessivo *nossa*, ecoa um ato estilístico axiológico, uma vez que a simples escolha de uma palavra é um ato avaliativo ativo, pois “antes de mais nada, as avaliações determinam a escolha da palavra pelo autor” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 131,). Ademais, pode-se verificar que, ao potencializar o signo *nossa*, Bolsonaro busca, em seus interlocutores que comungam do mesmo horizonte social circundante, um apoio coral, pois o “eu” pode se realizar na palavra apenas apoiando-se em um “nós” (VOLÓCHINOV, 2019). Nesse ambiente, a procura pelo referido coro busca uma sustentação às valorações imbricadas no meio social para o qual o enunciado está orientado, pois, ao se direcionar aos seus eleitores, Bolsonaro se alicerça no fato de eles pertencerem à mesma parcela da existência e comungarem as mesmas avaliações, o que atribui, a essa comunidade, uma mesma visão de mundo.

Uma vez que sob lentes bakhtinianas todo enunciado concreto é um ponto de aplicação de forças, sejam centrífugas ou centrípetas, é possível perceber que ao enunciar *nossa bandeira jamais será vermelha*, o presidente potencializa, com o intuito de impor determinado centro de valor, as forças centrípetas do discurso. Veiculando essas forças, a diversidade de vozes que atuam em um ambiente heterodiscursivo é enfraquecida, uma vez que o tom centrípeto é imperativo. Portanto, quanto mais amplo for o círculo abrangido pela força e, por conseguinte, quanto mais essencial for a força social que produz a estratificação da língua, “tanto mais acentuadas e sólidas serão as marcas, as mensurações linguísticas dos sinais da língua que nela permanecem como resultado da ação de tal força” [...] (BAKHTIN, 2015, p. 68). Mensura-se, então, que ao potencializar as forças centrípetas estratificadoras, Bolsonaro suscita, diante de seu auditório, a reacentuação da bandeira nacional, impulsionando o movimento de polarização da tessitura social entre “nós” e “eles”. É importante que se destaque a particularidade dos enunciados, o que reclama, portanto, um

olhar a especificidade dos locutores, singularizando o estilo apresentado. À vista disso, a seleção do signo *jamais*, além de ecoar uma voz centrípeta, descortina uma axiologização intolerante a respeito do tom vermelho. Conforme enunciado em palavras anteriores, a cor vermelha, por representar um partido de esquerda - o PT – também é um signo ideológico e, portanto, sob a ótica bakhtiniana, também se torna um palco da luta de vozes ecoadas por locutores que se identificam com o vermelho e aqueles que defendem essa cor como um símbolo do “petismo”.

Nesse sentido, a construção linguístico-discursiva engendrada pelos signos *nossa* e *jamais* é provedora de sentidos de apropriação da bandeira brasileira, bem como de movimentos que excluem distintas visões de mundo. Esse movimento excludente respinga na construção do enunciado do locutor 1, pois o enunciado de Bolsonaro suscita forças impositivas à bandeira brasileira, uma reacentuação que, ao representar somente o seu ponto de vista e de seus apoiadores, deleta a possibilidade de interlocução entre distintos sentidos socioculturais, ecoando, logo, a estratificação do tecido circundante do sujeitos brasileiros. Todavia, não é somente Bolsonaro que veicula tons impositivos, pois o locutor 1, enunciando que *não compraria nem a pão uma camiseta da seleção brasileira*, com uma ênfase fortemente avaliativa, também revela uma força centrípeta opondo-se a vozes outras. É estabelecido, então, um embate discursivo, pois enquanto um coro de vozes, representado por Bolsonaro, entende que o uso da camiseta da seleção representa um apoio ao atual governo brasileiro e um ideário patriótico, o locutor 1, afirmando que o presidente *manchou muito*, valora a camiseta por meio de uma axiologização que projeta os signos, aqui considerados, como identidade da direita brasileira. Nesse sentido, cabe sublinhar o uso do advérbio *muito*, suscitando a ideia de que esses signos estão bastantes atrelados à direita.

Ademais, faz-se pertinente observar que o locutor 1, em seu enunciado, projeta tanto à bandeira quanto à camiseta o mesmo centro valorativo, o que contempla nossa hipótese de que a reacentuação desses signos ideológicos se marca via discurso. Nessa perspectiva, calcando-se na acepção bakhtiniana de que o enunciado concreto, enquanto signo ideológico, reflete e refrata uma realidade social, é possível perceber que o enunciado do locutor 1 atua como um reflexo e uma refração das enunciações de Bolsonaro, uma vez que atua como um ato responsivo de resistência. Diante disso, é possível averiguar, a partir do enunciado do locutor 1 e do enunciado de Bolsonaro (mobilizado como uma relação dialógica) que a bandeira brasileira e as cores verde-amarelo, por serem signos ideológicos, são axiologizadas

de distintas maneiras. Assim, o projeto do locutor 2 que enuncia *triste mesmo é a gloriosa camiseta canarinho da seleção brasileira hoje em dia ser símbolo do atraso, do preconceito, do fascismo*, também surge como uma réplica reativa ao processo de reacentuar a bandeira e a camiseta.

Publicado no dia 04 de maio de 2020, por meio do endereço eletrônico <<https://twitter.com/leobaimler/status/1257023767466958851>>, a situação que orbita a enunciação do locutor 2 é o ato antidemocrático que ocorria sincronicamente em Brasília e contava com a presença de Jair Bolsonaro. Destaca-se que essa ambientação discursiva integra a arquitetônica enunciativa, pois a palavra na vida não é autossuficiente, “ela surge da situação cotidiana extraverbal e mantém uma relação muito estreita com ela. Mais do que isso, a palavra é completada diretamente pela própria vida e não pode ser separada dela sem que seu sentido seja perdido” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 117).

Contemplando, sob o espectro dialógico, o enunciado do locutor 2, vê-se que o adjetivo *triste*, intensificado pelo advérbio *mesmo*, principia o enunciado concreto. A articulação desses termos, quando conjecturada sob o horizonte da língua como um fenômeno ideológico, pode prenunciar o projeto de dizer, isto é, o objetivo do enunciado: reverberar outra axiologia a respeito da camiseta da seleção. É em torno desse signo ideológico que o locutor arquiteta seu discurso, o que permite sublinhar que a camiseta é o conteúdo temático do enunciado. Já o estilo, enquanto resquício constituinte do ato enunciativo, configura-se, nesse enunciado, de modo plástico, tendo em vista que o gênero *tweet* é permeado por uma orgânica que propicia a individualidade e singulariza os traços linguísticos do locutor.

Pode-se apreender, à vista disso, que a seleção da palavra *triste* descortina, além de um ato estilístico, uma axiologização negativa a respeito do objeto. Nesse sentido, a adjetivação suscitada pelo signo *triste* projeta uma entonação que, coadunando-se semanticamente ao termo *mesmo*, suscita um tom de inconformidade. Desse modo, a partir de um olhar que percebe a linguagem como um fenômeno vivo, o que reclama a afirmação de que, portanto, não há enunciado neutro, nota-se, na afirmação *triste mesmo*, um colorido expressivo pessimista, pintado por meio da estilística do locutor que evidencia posicionamentos. Toda discursividade, em suas orientações, se depara com a palavra do outro e, portanto, entra numa interação tensa com ele. Assim, nessa arena de vozes e acentos

valorativos, ao entender a tensão como constitutiva de todo diálogo, pode-se apreender um choque valorativo ressoado entre a construção lexical *triste mesmo* e a qualificação *gloriosa*.

Ao entender, diante disso, que a língua, enquanto um palco de vozes, é uma possibilidade de avaliação social, repousamos o olhar sobre a discursivização do locutor 2 quando ele enuncia que a camiseta se tornou *símbolo* do *atraso*. A escolha do termo *atraso* agrega ao enunciado um valor habitado pela ideia de retorno ao passado. Logo, é possível perceber um eco discursivo dos sujeitos alinhados à extrema direita, os quais defendem ações obsoletas, como a noção de que “meninas usam rosa e meninos vestem azul”²², postulada por Damares Alves, pastora e ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos do governo Jair Bolsonaro. Ainda ao potencializar o signo *atraso*, o locutor projeta outras ressonâncias dialógicas, já que

o enunciado vivo, que surgiu de modo consciente num determinado momento histórico em um meio social determinado, não pode deixar de tocar milhares de linhas dialógicas vivas envoltas pela consciência socioideológica no entorno de um dado objeto da enunciação, não pode deixar de ser um participante ativo do diálogo social. É disto que ele surge, desse diálogo, como sua continuidade, como uma réplica e não como se ele se relacionasse à parte (BAKHTIN, 2015, p. 49).

Aporta-se, então, ao enunciado do locutor 2, um traço que dialoga com o conservadorismo vigente no Brasil, o qual é fomentado por práticas languageiras proferidas pelo grupo político governante do país as quais, ao agirem em um ambiente heterodiscursivo, revelam forças centrípetas, tentando unificar pontos de vista.

As escolhas lexicais indicam uma rede de não-ditos, por isso o locutor 2, ao usar o signo *fascista*, entrelaça em seu projeto de dizer outras vozes que ressoam de forma a suscitar relações de significação. Impõe-se elucidar, diante disso, que há, no cenário brasileiro, vozes permeadas por posicionamentos fascistas e autoritários, cujas consequências sócio-históricas parecem ser ignoradas. Lilia Schwarcz (2019), ao refletir sobre a nostalgia existente entre o sistema político-social atual e o passado não muito distante, assevera que

[...] é esse passado que vira e mexe vem nos assombrar, não como mérito e sim tal qual fantasma perdido, sem rumo certo. O nosso passado escravocrata, o espectro do colonialismo, as estruturas de mandonismo e patriarcalismo, a da corrupção renitente, a discriminação racial, as manifestações de intolerância de gênero, sexo e religião, todos esses elementos juntos tendem a reaparecer, de maneira ainda mais

²² Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/bruno-boghossian/2019/01/video-de-ministra-e-o-simbolo-do-atraso-da-nova-era.shtml?origin=folha>>.

incisiva, sob a forma de novos governos autoritários, os quais, de tempos em tempos, comparecem na cena política brasileira (SCHWARCZ, 2019, p.184).

A afirmação da antropóloga traça a concepção de que tons autoritários tendem a contornar distintos momentos sociopolíticos, em um permanente flerte com o passado referido pelo locutor 2 que, ao acionar o ideário fascista, corrobora a aceção de que o sujeito, ao vestir a camiseta da seleção compartilha da ideologia que embasa o referido movimento autoritário.

Nessa perspectiva, a fala do locutor 2 constitui-se como reflexo e refração de algumas falas do presidente, o qual, diversas vezes, articulou enunciados circundados por resquícios fascistas. Assim, convém observar que “o Brasil, com o presidente Jair Bolsonaro, [...] está nesta leva de países com apelo ultranacionalista e que se utilizam de táticas fascistas como mecanismos de alcançar e manter o poder”. (BERNARDI; MORAIS, 2019, p. 19). Tal percepção reclama ressaltar que um possível movimento fascista, na contemporaneidade, não teria a mesma aparência da década de 1930, ainda que os ecos estejam sempre ressoando. Esse regime, cuja gênese é italiana, sob a rubrica de Beneditto Mussolini, marcou o século XX europeu, caracterizando-se como autoritário e ultranacionalista. Dentro do espectro político, o fascismo se posiciona na extrema direita e pode, de acordo com Jason Stanley (2018), filósofo e estudioso do neofascismo, apresentar algumas idiossincrasias que o particularizam.

Dentre as mencionadas características, há o anti-intelectualismo que visa a atacar e desqualificar a educação pública, conforme intentou o então ministro da educação Abraham Weintraub em 30 de abril de 2020, ao desferir um ataque às universidades federais, cortando 30% de seus orçamentos²³. Essa medida anti-intelectual se circunscreve na esteira dos golpes às áreas das Ciências Humanas e aos acadêmicos, os quais, na política fascista, são “ignorados como fontes legítimas de conhecimento e expertise, sendo representados como “marxistas” ou “feministas” radicais que estariam espalhando um plano ideológico esquerdista sob o disfarce de pesquisa” (STANLEY, 2018, p. 39, grifos do autor). Ao destruir as instituições de ensino superior, as práticas fascistas arrefecem a reflexão a um conflito ideológico, solapando os espaços de formação intelectual e deturpando a realidade desses ambientes. Desse modo, a formação intelectual brasileira, sobretudo a oriunda das Ciências Humanas, por possibilitar

²³ Informação disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2019/05/bolsonaro-diz-que-corte-em-recursos-da-educacao-nao-e-feito-por-maldade-cjvfxg1ct01zp01oha9cbyu2p.html>>.

a compreensão da realidade e o pensamento crítico, é alvo das práticas autoritárias, cuja agenda busca embrutecer a sociedade.

Pode-se perceber, à luz da epistemologia bakhtiniana, alguns sentidos emergentes do enunciado *triste mesmo é a gloriosa camiseta canarinho da seleção brasileira hoje em dia ser símbolo do atraso, do preconceito, do fascismo*. Em suas múltiplas relações, sublinha-se nesse projeto de dizer, uma vez que os valores humanos incutem entonações aos signos ideológicos (camiseta da seleção e bandeira nacional), um centro de valor que, ressoando a ideologia representada pelo atual governo e seu corpo ministerial, reverbera um distanciamento entre o locutor do mencionado enunciado e o objeto. Além disso, também faz-se importante observar que o locutor 1, na arquitetônica do seu enunciado, tensiona, a partir dos termos *gloriosa* e *símbolo do atraso*, um certo antes e depois da reacentuação da camiseta. Esse locutor, então, ao perceber a nova acentuada da camiseta, assume uma posição ideologizada.

Nesse universo heterodiscursivo, o locutor 3 veicula, no dia 5 de maio de 2019, por meio do endereço <<https://twitter.com/ElieLB/status/1257755060299317253>>, um projeto enunciativo, afirmando que

constatei que se a pessoa usar a camiseta da seleção, bandeira do Brasil nas costas, defender a família e acreditar em Deus ela está liberada para ofender, xingar, divulgar e produzir fakenews, usar besteiras sem nexos como resposta e agredir (LOCUTOR 3).

Emergindo, portanto, dentro da esfera sociodiscursiva brasileira, este enunciado é arquitetado por meio de itens lexicais que, atrelando-se aos motes bolsonaristas, axiologizam a bandeira e a camiseta de modo a alinhá-la aos sujeitos posicionados à direita. Repousamos, em um primeiro momento, as lentes examinadoras sobre a palavra que inicia o enunciado. Percebemos, desse modo, a potencialização do verbo *constatar* que, enunciado na primeira pessoa do singular, no pretérito perfeito do indicativo, possibilita depreender uma ação passada e concluída em um determinado tempo. *Constatar* sugere, no âmbito semântico-linguístico, a verificação de fatos ou a descoberta de alguma verdade. Ao entender que se trata de um verbo de percepção, que reclama um complemento, uma vez que o sujeito que *constata* o faz reverberando uma conclusão – aquele que constata, constata algo –, verificamos, no desenvolvimento do ato enunciativo, que a conjunção subordinativa *se* introduz condições necessárias para a conclusão incitada pela palavra *constatei*. É necessário salientar, além disso, que enunciando *constatei*, o locutor 3 projeta a imagem de um sujeito que percebeu um movimento a respeito da bandeira e da camiseta após contemplar, no

horizonte social, o uso desses signos ideológicos em campos de atividade humana atravessados por agendas políticas.

Nesse sentido, no âmbito discursivo, por visualizar a possibilidade de reacentuação dos signos, o locutor 3 enuncia algumas características que atrelam aos signos os sujeitos. Diante disso, vê-se no projeto de dizer, as postulações de *defender a família e acreditar em Deus*, valores amplamente veiculados e defendidos por Jair Bolsonaro. Esses princípios servem de contorno à imagem de “mito” planeada pelo presidente e apregoada por seus apoiadores. Referindo-se a “mito”, toma-se o termo não somente em seu sentido etimológico (do grego *mythos*) de narrativa de acontecimentos lendários, mas também em sua significação que, sob o espectro antropológico, é concebida como a solução imaginária para conflitos e celeumas a serem resolvidos no nível da realidade, do factível (CHAUI, 2000).

Ao aludir, então, a Bolsonaro como “mito” ou “bolsomito”, os brasileiros potencializam a sua simbologia de salvador da pátria, incorporando nele as suas próprias visões de mundo. Barthes (2001) endossa que “a efígie do candidato estabelece um elo pessoal entre ele e os seus eleitores; o candidato não propõe apenas um programa, mas também um clima físico, um conjunto de opções cotidianas expressas numa morfologia, num modo de se vestir, numa pose” (BARTHES, 2011, p. 162). Portanto, propondo-se como eleitor do “mito”, os sujeitos comungam a sua perspectiva de mundo. Ao vislumbrar nele a alegoria de vencedor do mal e de retificador dos infortúnios da nação, aquele que os libertará da corrupção endêmica, se aglutinam em busca de um ideal: salvar a pátria.

Nesse sentido, o locutor 3 indica traços característicos de Bolsonaro. Dialogando com o cotidiano do presidente, no qual ele, habitualmente, xinga algum ator social ou uma parcela de sujeitos, o locutor 3 potencializa o verbo *ofender*, ecoando a percepção de que a reacentuação dos signos suscita, aos que os materializam, sentidos relativos à ataque ao outro. Citamos, como exemplo das ofensas, o ataque do presidente aos estudantes e às universidades. Conjecturando um enunciado circundado por forças centrípetas, o presidente enunciou, em 12 de dezembro de 2019, “fazem tudo, menos estudar”. A maneira como as palavras são articuladas,

[...] exalam uma profissão, um gênero, uma corrente, um partido, uma determinada obra, uma determinada pessoa, uma geração, uma idade, um dia e uma hora. Cada palavra exala um contexto e os contextos em que leva a sua vida socialmente tensa; todas as palavras e formas são povoadas de intenções (BAKHTIN, 2015, p. 69).

As palavras são, portanto, saturadas de valorações e, diante disso, exprimem um ponto de vista, pois pensamos na língua como ideologicamente preenchida, enquanto posicionamento e cosmovisão, ultrapassando a percepção da linguagem como um sistema de categorizações gramaticais.

Ainda na arquitetônica construída pelo locutor 3, é mobilizado o signo *fakenews*, transparecendo o caráter dialógico que, além de pressupor o encadeamento existente entre diversos discursos, ecoa relações de sentido, já que “o enunciado vivo [...] não pode deixar de tocar milhares de linhas dialógicas vivas envoltas pela consciência socioideológica no entorno de um dado objeto da enunciação” (BAKHTIN, 2015, p. 49). Nessa perspectiva, importa destacar que, ainda que a expressão *fakenews* figure muito contemporânea, ela reporta a tempos longínquos, tendo em vista que é utilizada desde o século XIX para tipificar a propagação de informações falsas, travestidas de verdades. Todavia, impõe-se salientar que tal prática se tornou periódica a partir da instituição das redes sociais, à vista da rápida propagação que a internet propicia. O ato de disseminar notícias falsas se tornou um exercício atrelado a Jair Bolsonaro, pois, conforme enunciado no preâmbulo deste estudo, a campanha política do presidente foi permeada por *fakenews*. Logo, é tecido no enunciado um diálogo entre o ato de propagar notícias falsas e os eleitores do presidente, os quais atuam, discursivamente, em forma de coro de apoio. Institui-se reiterar que, sob o horizonte bakhtiniano, a concepção de diálogo deve ser pensada a partir do viés de lutas das vozes sociais, em um espaço de choques.

Diante disso, compreendendo que os enunciados são habitados por relações conflitantes, as palavras mobilizadas pelo locutor 3, isto é, os signos ideológicos, refletem uma realidade refratando-a, em uma atividade de ressignificação. Nesse âmbito, os signos *ofender* e *produzir fakenews*, “são espaços de encontro e confronto de diferentes índices sociais de valor, plurivalência que lhes dá vida e movimento, caracterizando o universo da criação ideológica como uma realidade infinitamente móvel” (FARACO, 2009, p. 54).

Atrela-se a essa concepção a construção *usar besteiras sem nexos*. Conversando com as outras características usadas pelo locutor 3, ela espelha os sujeitos que, identificados com as posições de extrema direita, assim como Bolsonaro, articulam respostas vazias de coerência, de articulação e de conteúdo. Pode-se apreender, assim, que o enunciado *constatei que se a pessoa usar a camiseta da seleção, bandeira do Brasil nas costas, defender a família e acreditar em Deus ela está liberada para ofender, xingar, divulgar e produzir fakenews, usar*

besteiras sem nexos como resposta e agredir, apresenta uma arquitetura que busca evidenciar sentidos próprios do projeto bolsonarista, contaminando o tom axiológico da bandeira nacional e da camiseta.

Outra réplica às enunciações provindas de locutores alinhados à direita enuncia o seguinte: *patriota, cidadão do bem, bandeira do Brasil, camiseta da seleção (amarela)... não posso nem ver*. Veiculado no dia 2 de maio de 2020, por meio do endereço <<https://twitter.com/Observa01925587/status/1256459541321060357>>, a fala do locutor 4 é permeada por elementos que, no atual cenário sociopolítico brasileiro, são atravessados por inúmeras ideologizações.

Uma vez que “a *palavra é o signo ideológico par excellence*” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 98, grifos do autor), faz-se crucial observar que o signo ideológico *patriota*, enunciado pelo locutor 4, é orbitado por muitas axiologizações. Desse modo, *patriota* emerge como o primeiro dos mencionados elementos, tornando importante resgatar que, conforme mencionado no capítulo 2 deste estudo, um dos lemas veiculados nas manifestações consideradas de direita/extrema direita conjecturava a ideia de “Brasil acima de todos”. Mais recentemente, em um discurso que, veiculado em rede aberta de televisão, Bolsonaro buscava celebrar o 7 de setembro (data que marca a independência brasileira), o presidente ecoou ideias patrióticas ao enunciar “Somos uma Nação temente a Deus, que respeita a família e que ama a sua Pátria”²⁴. Pode-se perceber, desse modo, uma relação dialógica entre as enunciações do presidente e o enunciado coletado no *twitter*.

Além disso, a expressão *cidadão do bem* adquire destaque no projeto enunciativo porque, durante a eleição presidencial de 2018, Bolsonaro dizia que um cidadão de bem precisa ter armas, pois, se for vítima de ataques criminosos, precisa defender sua família tradicional. Por meio dessas práticas discursivas, potencializa-se uma polarização entre “cidadão de bem” e “cidadão de mal”. Isso ocorre, cabe ressaltar, porque essas valorações preconizadas por Bolsonaro encontram um coro de apoio nas vozes de seus eleitores. Por fim, o locutor 4 mobiliza os signos ideológicos bandeira do Brasil e a camiseta da seleção. Ao dizer *não posso nem ver*, esse locutor, por meio de uma força centrípeta, assim como o locutor 1 que enunciou *não compraria nem a pão*, preconiza um tom de distanciamento e polarização, pois, juntos, todos os elementos mencionados (*patriota, cidadão do bem, bandeira do Brasil*

²⁴ Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/09/07/bolsonaro-pronunciamento-7-setembro.htm>>.

e camiseta da seleção) projetam o arquétipo de um brasileiro que comunga da visão de mundo bolsonarista, uma refração do centro valorativo que atravessa a bandeira e a camiseta.

Por fim, a reacentuação desses signos ideológicos reclama ressaltar outros reflexos e refrações potencializadas pelas axiologizações sobre a bandeira e a camiseta, tendo em vista que tais centros valorativos são percebidos por meio da refração, seja em forma de enunciado concreto ou de atitudes conjecturadas pelos sujeitos sociais, pois o signo ideológico “não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 93).

Destacamos, assim sendo, como um reflexo/refração, o ato intentado por uma *designer* que desenvolveu, em 2018, um projeto denominado “camiseta da seleção versão da esquerda”, conforme demonstra a figura 14.

Figura 14: A camiseta vermelha da seleção



Fonte: Dearo (2018)

Criada para brasileiros que pretendiam torcer pela seleção na Copa da Rússia em 2018, mas não gostariam de ser confundidos com os sujeitos que vestiram a camiseta em protestos organizados pela direita, a camiseta proposta pela *designer* é bastante diferente da “amarelinha” oficial. Destaca-se a substituição da cor amarela pelo vermelho, provavelmente

porque o tom amarelo tornou-se vinculado a protestos de direita. Também é possível observar o uso do símbolo do comunismo, uma ideologia política associada aos partidos de esquerda, e, no Brasil atual, ao PT.

Evidencia-se, assim, a capacidade que os signos possuem de refletir e refratar, ou seja, de descrever algo que é externo e, simultaneamente, alterar algo na organização do tecido social, uma vez que as muitas valorações e vozes se perpassam, engendrando novas interpretações. Além disso, esse processo de refração revela a maneira como as diferentes experiências humanas se circunscrevem nos signos e, principalmente, no processo de construir o mundo e lhe dar sentidos.

Outro reflexo/refração potencializado em virtude do uso da camiseta em atos políticos considerados de direita pode ser verificado no desfile da escola de Samba paraíso do Tuiuti. Em 2018, no carnaval do Rio de Janeiro, a escola usou a camiseta como traje para vestir personagens que compuseram uma ala nomeada “manifantoches”, conforme demonstra a figura 15.

Figura 15: Manifantoches vestindo verde-amarelo



Fonte: Ramos (2018)

Assim, a partir do enredo “Meu Deus, meu Deus, está extinta a escravidão?”, a escola inseriu a camiseta na esfera carnavalesca, caracterizando brasileiros que teriam se tornado

“fantoques”, sendo manipulados por projetos políticos que buscavam destituir Dilma Rousseff. Destaca-se, ainda, que os manifestantes também carregavam outros signos, como panelas e patos amarelos, em alusão à campanha da Federação das Indústrias de São Paulo (Fiesp), a qual apoiou a destituição da ex-presidente Dilma Rousseff.

Examinando os enunciados dos locutores 1, 2, 3 e 4 e suas múltiplas relações e interações com discursos edificados por Jair Bolsonaro, é possível averiguar que a bandeira nacional e a camiseta da seleção brasileira, enquanto signos ideológicos, são valoradas de distintas formas pelos diferentes sujeitos locutores. Tais ênfases valorativas, é preciso destacar, são engendradas por meio de construções discursivas apoiadas em coros de apoio, pois, se não houvesse essa união entre em grupo de vozes, as valorações projetadas perderiam sustentação. Além disso, a análise desses projetos enunciativos indicou a presença de vozes centrípetas nos enunciados dos locutores 1 e 3 que, demonstrando a percepção de que os signos se tornaram orbitados pela ideologia característica da direita/extrema direita, projetam uma recusa ao diálogo. Porém, tais tons centrípetos se destacam, sobretudo, nas enunciações de Bolsonaro, pois ao mobilizar termos como *nossa* e *jamais*, o presidente impõe aos signos ideológicos a sua visão de mundo.

6 CONSIDERAÇÕES (NÃO TÃO) FINAIS

Tendo em vista as incumbências que esta dissertação se propôs a contemplar, é preciso retomar neste momento, ainda que sucintamente, o caminho traçado na presente pesquisa. Com o objetivo geral de examinar o centro axiológico que passou a circundar a bandeira nacional e a camiseta da seleção brasileira de futebol após o uso desses signos ideológicos em atos a favor do favor do *impeachment* de Dilma Rousseff (2015 – 2016) e em defesa do presidente Jair Bolsonaro (2019 – 2020), outros objetivos também nortearam este estudo:

- i) compreender de que maneira a bandeira nacional e a camiseta da seleção foram reacentuadas axiologicamente;
- ii) verificar as refrações potencializadas pela reacentuação dos signos ideológicos; e
- iii) examinar enunciados concretos que, emergentes da reacentuação da bandeira nacional e da camiseta da seleção, constituem-se tensivamente.

Para que fosse possível perfazer os objetivos propostos, este trabalho foi organizado, entre considerações iniciais e finais, a partir de quatro capítulos. Desse modo, no primeiro momento, a fim de contemplar os movimentos sociais que povoaram as ruas brasileiras entre 2015 e 2020, desenvolveu-se uma reflexão acerca dos atos a favor do *impeachment* mandatário da ex-presidenta Dilma (2015 – 2016) Rousseff e em defesa do atual presidente

Jair Bolsonaro (2019 – 2020). Nesse sentido, destacamos a presença de sujeitos defendendo agendas de direita/extrema direita, projetando uma imagem patriótica, ultranacionalista e conservadora.

No segundo momento, foram realizados apontamentos acerca do Círculo de Bakhtin, cujos postulados ancoram esta proposta investigativa. Nesse momento, deu-se destaque aos seguintes conceitos bakhtinianos oportunos ao movimento analítico: dialogismo, enunciado concreto, signo ideológico, forças centrípetas/centrífugas, coro de apoio e ênfase valorativa/avaliação social. Quanto a essas categorias, sublinhamos o reclamar bakhtiniano por um olhar investigativo que não compartimenta a teoria. Ainda seguindo a epistemologia bakhtiniana, descreveu-se, no terceiro momento, o caminho metodológico traçado no percurso de estudo, dando destaque a ordem metodológica preconizada por Volóchinov (2018).

Na sequência, no quarto momento das apreciações engendradas, foram tecidas, em relação a outras enunciações, análises de quatro enunciados concretos coletados por meio do *twitter*. O exame desses projetos enunciativos demonstrou que há, orbitando as enunciações acerca do uso da bandeira nacional e da camiseta da seleção, algumas ênfases valorativas. Reverberadas por diferentes vozes sociais, tais axiologizações transformam os signos ideológicos em uma arena na qual muitas vozes entram em estado de luta, tendo em vista que diferentes sujeitos potencializam incomensuráveis sentidos.

O horizonte bakhtiniano reclama averiguar que todo enunciar pressupõe a potencialização de forças linguístico-discursivas. Sejam centrífugas ou centrípetas, essas forças, na vida verboideológica, atravessam as enunciações e podem, como verificou-se em um enunciado de Jair Bolsonaro, ter desempenhado papel fundamental no processo de reacentuar a bandeira nacional e a camiseta da seleção. Todavia, é imprescindível asseverar que também nos enunciados dos locutores 1 e 4 averiguou-se a veiculação dessas forças quando esses locutores edificaram enunciados com sentidos de distanciamento em relação aos signos ideológicos, o que, de certa forma, não deixa de apresentar certo tom intolerante.

Nesse universo de muitas ênfases valorativas, o coro de apoio também atua como um elemento protagonista, uma vez que todas as valorações ecoadas adquirem, no tecido social, certa estabilidade, justamente porque no universo ideológico encontram sustentação. Para que Bolsonaro, por exemplo, possa enunciar *a nossa bandeira jamais será vermelha*, é preciso que ele perceba, em seu auditório, uma mesma avaliação social sobre a bandeira. Se esse

pacto entre vozes que comungam uma mesma visão de mundo não fosse perceptível, o presidente não teceria um discurso tão imperativo e excludente de vozes outras, visto que “se não houvesse a certeza desse coro de apoio, a entonação tomaria outro rumo, acrescida de outras tonalidades” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 124).

Ademais, o exame dialógico dos enunciados possibilita detectar que está instaurada, na sociedade brasileira, uma rede de sentidos projetados sobre a bandeira nacional e sobre camiseta da seleção. Essa rede, contudo, é constituída por um emaranhado de fios que possibilitam observar o tensionamento discursivo estabelecido entre as vozes que enunciam a respeito do uso dos signos ideológicos. Quando o locutor 1 enuncia *não compraria nem a pão* e o locutor 4 enuncia *não posso nem ver*, eles traçam não só uma ênfase axiológica que reflete um distanciamento entre parte da população brasileira e os signos, mas, sobretudo, um movimento de confronto e resistência às enunciações de Bolsonaro. A reacentuação axiológica da bandeira e da camiseta reclama ressaltar que não se trata de um projeto inócuo ou sem importância, pois tem um papel estratégico na práxis política da direita brasileira que engrandece o nacionalismo com o intento de suavizar problemáticas sociais que deveriam estar presentes nos debates políticos.

É importante destacar, ainda, enquanto movimentos que permitem perceber, na sociedade, os efeitos da reacentuação axiológica dos signos ideológicos, os reflexos e as refrações emergentes da reacentuação da bandeira e da camiseta. Diante disso, considera-se, conforme afirmado em palavras anteriores, que os enunciados dos locutores 1, 2, 3 e 4 podem ser contemplados como refrações do uso dos signos ideológicos em eventos políticos, o que os torna pluriacentuados. Além disso, outras refrações também podem ser observadas no horizonte nacional brasileiro, como o projeto que buscou criar uma camiseta da seleção vermelha para os brasileiros que não se identificam com a visão do mundo projetada aos signos por Bolsonaro e seus apoiadores. Secunda-se, diante disso, que a investigação proposta nesta pesquisa permite averiguar que a bandeira brasileira e a camiseta da seleção, imersas na esfera política, são circundadas por outra ênfase valorativa e, por isso, poder ter se tornado signos ideológicos identitários da direita/extrema direita brasileira.

Por fim, o empreendimento investigativo possibilita averiguar a existência de uma estratificação da sociedade brasileira em “eles” e “nós”. Nesse sentido, destaca-se que, em relação ao uso da bandeira nacional e da camiseta da seleção, essa polarização evidencia-se a partir dos enunciados concretos aqui examinados, pois, tanto os locutores 1, 2, 3,4, quanto o

presidente Jair Bolsonaro, não veiculam um tom conciliador, potencializando, logo, essa polarização. Ainda nesse âmbito, faz-se necessário evidenciar que o presidente Bolsonaro, ao enunciar *nossa bandeira jamais será vermelha*, desconsidera a existência de brasileiros que não compartilham da mesma valoração, mas que, em um regime democrático, devem ser respeitados. Assim, por ser uma voz representativa na sociedade e circular em todo o país, o presidente fomenta, também, uma segmentação entre cores: vermelho *versus* verde-amarelo. Nessa lógica, os verde-amarelos seriam seus eleitores, e os vermelhos, os seus opositores, ou aqueles que apenas não compartilham de suas axiologizações.

Assim, estratificando o tecido social, criam-se narrativas a partir de diversos signos ideológicos, como é possível verificar no uso da bandeira e da camiseta. Essa lógica da polaridade que culmina no “eles contra nós” e “nós contra eles”, tende a “transformar adversários políticos em inimigos que devem ser, basicamente, neutralizados ou, se possível, eliminados” (SCHWARCZ, 2019, p. 213). Tendo em vista, todavia, que a epistemologia bakhtiniana não comporta observações estanques, uma vez que é permeada pelo princípio da inconclusividade, não se afirmará, de forma obstruída, que a bandeira brasileira e a camiseta da seleção se tornaram signos da extrema direita. Dir-se-á que, devido ao uso dos signos ideológicos em esferas cuja agenda é política e em virtude de movimentos beligerantes, eles, ao ficarem vinculados ao ponto de vista preconizado pela referida cosmovisão, tornam-se objetos de apropriação política. Portanto, podemos notar a ocorrência de uma retórica binarista que, desde a reeleição da ex-presidenta Dilma Rousseff, em 2014, projeta dois Brasis: um vermelho e um verde-amarelo. Mais potente que isso, contudo, é a percepção de que Bolsonaro, tendo em vista que é o presidente do país, age enquanto uma voz social que legitima a prática de reacentuação axiológica e apropriação dos signos ideológicos aqui considerados.

Cabe asseverar, diante de todas as palavras enunciadas, que a presente pesquisa não se propõe a cessar a discussão acerca da reacentuação da bandeira e da camiseta, mas sim a reconhecer reflexos e refrações de processos que usam a simbologia nacional com a imposição de visões de mundo. Assim, a partir desse empreendimento investigativo, esperamos ter contribuído para a produção de reflexões críticas sobre sentidos axiologizantes que afloram e orbitam o Brasil contemporâneo. Este estudo indica, logo, a necessidade de compreender o que acontece na contemporaneidade porque “do que agora se trata é de

saber como viveremos neste presente, sem futuro o presente não serve pra nada, é como se não existisse” (SARAMAGO, 1995, p. 244).

REFERÊNCIAS

ADLER, Matheus. **São Paulo registra atos contra e pró-Bolsonaro; Weintraub vai a protesto em Brasília**. Estado de Minas, 14 jun. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3ehTUFg>> Acesso em: junho de 2020.

ARAÚJO, Lígia Mara B. M. de; MANZANO, Luciana Carmona G. Aforização e efeito de memória no enunciado “tchau, querida!”. **Linguasagem**, São Carlos, v. 25 (1): 2016. Disponível em:<<http://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/226/149>>. Acesso em: junho de 2020.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017.

BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance I: a estilística**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.

BAKHTIN, Mikhail; VOLÓCHINOV, Valentin; **Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. In: **Questões de literatura e de estética: A teoria do romance**. Trad. Aurora F. Bernadini e outros. São Paulo: Hucitec, 1998.

BARROS, Diana Luz Pessoa de (1990). Paixões e apaixonados: exame semiótico de alguns percursos. **Cruzeiro Semiótico**, 11/12: 60-63.

BENEDICT, Anderson. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Trad. Rita Buongiorno e Pedro Souza. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BATISTA, Daniel. **Constatarei que se a pessoa usar a camiseta da seleção, bandeira do Brasil nas costas, defender a família e acreditar em Deus ela está liberada para ofender, xingar, divulgar e produzir fakenews, usar besteiras sem nexos como resposta e agredir**. 5 mai. 2020. Twitter: @ElielB. Disponível em: <<https://twitter.com/ElielB/status/1257755060299317253>>. Acesso em: julho de 2020.

BAUMLEER. **Triste mesmo é a gloriosa camiseta canarinho da seleção brasileira hoje em dia ser símbolo do atraso, do preconceito, do fascismo**. Viamão, 3 mai. 2020. Twitter: @leobaimler. Disponível em: <<https://twitter.com/leobaimler/status/1257023767466958851>>. Acesso em: julho de 2020.

BIBLIOTECA NACIONAL. **Hino Nacional, ou Hino 7 de abril**. Disponível em: <<https://www.bn.gov.br/acontece/noticias/2020/04/hino-nacional-ou-hino-7-abril>>. Acesso em: maio de 2020.

BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política**. Trad. Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

BERNARDI, Ana Julia Bonzanini; MORAIS, Jennifer Azambuja de. Fascismo à brasileira? Análise de conteúdo dos discursos de Bolsonaro após o segundo turno das eleições presidenciais de 2018. In: **AUCIP – VI Congreso Uruguayo de Ciencia Política**. 2019, Montevideo.

BOGHOSSIAN, Bruno. **Vídeo de ministra é o símbolo do atraso da 'nova era'**. Folha de São Paulo, 4 jan. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/bruno-boghossian/2019/01/video-de-ministra-e-o-simbolo-do-atraso-da-nova-era.shtml?origin=folha>>. Acesso em: junho de 2020.

BORGES, Eliane. **Vocês tem noção que o Bolsonaro conseguiu manchar muito a bandeira do Brasil, tipo eu não compraria nem a pão uma camiseta da seleção brasileira**. 3 mai. 2020. Twitter: @borgeselianee. Disponível em: <<https://twitter.com/borgeselianee/status/1257085589100335105>>. Acesso em: julho de 2020.

BRAIT, Beth. Apresentação. In: MEDVIÉDEV, Valentin. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica**. Trad. Sheila C. Grillo e Ekaterina V. Américo. São Paulo: Ed. Contexto, 2012.

BRAIT, Beth; PISTORI, Maria Helena. Apresentação – Veredas dialógicas. In: BRAIT, Beth; PISTORI, Maria Helena; FRANCELINO; Pedro (orgs). **Linguagem e conhecimento (Bakhtin, Volóchinov, Medviédev)**. São Paulo: Pontes Editores, 2019.

CASTRO, Grasielle. **População reage com panelaço à resposta de ministros sobre os protestos**. Disponível em: <<https://bit.ly/3g2TTWV>>. Acesso em: abril de 2020.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

CRUZ, Sebastião Velasco e. **Elementos de reflexão sobre o tema da direita(e esquerda) a partir do Brasil no momento atual**. In: CRUZ, Sebastião Velasco e; KAYSEL, André et al (Org). São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015.

DAMAZIO, Lucas Pereira. **O panelaço como resistência ao político no Brasil: Discurso e memória**. 2016. 98f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem). Universidade do Sul de Santa Catarina, 2016.

DA SILVA, Edilson Márcio Almeida; GUEDES, Simoni Laudh. O segundo sequestro do verde e amarelo: futebol, política e símbolos nacionais. **Cuadernos de Aletheia**. Nro. 3, p. 73-89, 2019.

DEARO, G. **CBF proíbe venda da camisa da Seleção “de esquerda”**. Exame, São Paulo, 16 abr. 2018. Disponível em <<https://exame.com/marketing/cbf-proibe-venda-da-camisa-da-selecao-de-esquerda/>>. Acesso em: março de 2020.

DELANOY, Cláudio Primo. O conceito de grande tempo e interpretação de discursos. **Linha D'Água**, [S. l.], v. 33, n. 3, p. 153-174, 2020. DOI: 10.11606/issn.2236-4242.v33i3p153-174. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/171254>. Acesso em: setembro de 2020.

DIAS, Antônio Gonçalves. **Poemas de Gonçalves Dias**. São Paulo: Cultrix, 1968.

DI FANTI, Maria da Glória Corrêa. **Enunciação**. In: FLORES, Valdir do Nascimento. Dicionário de linguística e da enunciação. Organizadores: Valdir Nascimento Flores [et al]. São Paulo: Contexto: 2009.

EXTRA. **'Bandeira jamais será vermelha', diz Bolsonaro em discurso no Palácio do Planalto. 01 jan. 2019**. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/brasil/bandeira-jamais-sera-vermelha-diz-bolsonaro-em-discurso-no-palacio-do-planalto-23339528.html>>. Acesso em: julho de 2020.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & Diálogo. As ideias do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo. Contexto, 2016.

GALLACI, Fábio. **Apelido da Seleção Brasileira veio de ave de canto melódico e porte elegante**. G1, 21 jun. de 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/terra-da-gente/noticia/apelido-da-selecao-brasileira-veio-de-ave-de-canto-melodico-e-porte-elegante.ghtml>>. Acesso em: abril de 2020.

GALEANO, Eduardo. **Futebol à luz e sombra**. Trad. Eric Nepomuceno e Maria Brito. Porto Alegre: L&PM, 2012.

GARCIA, Gustavo et al. **Senado aprova impeachment, Dilma perde mandato e Temer assume**. G1, Brasília, 31 ago. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/processo-de-impeachment-de-dilma/noticia/2016/08/senado-aprova-impeachment-dilma-perde-mandato-e-temer-assume.html>>. Acesso em: junho de 2020.

GASPARI, Elio. **A ditadura escancarada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GRILLO, Sheila. Marxismo e filosofia da linguagem: uma resposta à ciência da linguagem do século XIX e início do XX. Prefácio. In: VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Trad. Sheila Grillo e EkaterinaVólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2018.

G1. Manifestantes protestam contra Dilma em todos os estados, DF e exterior. G1, São Paulo, 15 mar. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/03/manifestantes-protestam-contradilma-em-estados-no-df-e-no-exterio.html>>. Acesso em: junho de 2020.

HOBBSAWM, Eric. **A era das revoluções: 1789 – 1848.** São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2003.

HORA, Zero. **Em 26 anos, Bolsonaro apresentou 171 projetos; dois foram aprovados.** Porto Alegre, 23 jul. 2017. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2017/07/em-26-anos-bolsonaro-apresentou-171-projetos-dois-foram-aprovados-9850750.html>>. Acesso em: junho de 2020.

HORA, Zero. **Bolsonaro diz que corte em recursos da educação não é feito por "maldade".** Porto Alegre, 08 mai. 2019. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2019/05/bolsonaro-diz-que-corte-em-recursos-da-educacao-nao-e-feito-por-maldade-cjvfxg1ct01zp01oha9cbyu2p.html>>. Acesso em: outubro de 2020.

ISMAEL, Azevedo. **Por Bolsonaro, evangélicos vão a culto com camiseta do Brasil.** O estado, Ceará, 28 out. 2018. Disponível em: <<https://www.oestadoce.com.br/politica/por-bolsonaro-evangelicos-vao-culto-com-camiseta-do-brasil/>>. Acesso em: março de 2020.

ISTO É. **As explosões nervosas da presidente.** 2020, p.8. Disponível em: <<https://istoe.com.br/edicoes/page/8/>>. Acesso em: julho de 2020.

LIMA, Vanessa. **Jair Bolsonaro diz que mulher deve ganhar salário menor porque engravida.** Sul 21 27 fev. 2015. Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/politica/2015/02/jair-bolsonaro-diz-que-mulher-deve-ganhar-salario-menor-porque-engravida/>>. Acesso em: junho de 2020.

LUZ, Milton. **A história dos símbolos nacionais: a bandeira, o brasão, o selo, o hino.** Brasília: Senado Federal, Secretaria Especial de Editoração e Publicações, 1999 (1a edição). Reimpressão, 2005.

MESSENERG, Débora. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. In: SOLANO, Esther; ROCHA, Camila (org). **As direitas nas redes e nas ruas: a crise política no Brasil.** São Paulo: Expressão Popular, 2019.

MIOTELLO, Valdemir. In: BRAIT, Beth (org). **Bakhtin: conceitos-chave.** São Paulo: Contexto, 2005.

NOTÍCIAS, Band. **Impeachment: 730 mil vão às ruas nas capitais.** Disponível em: <<https://bit.ly/33ZhdT4>>. Acesso em: abril de 2020.

NUNES, Walter. **Bolsonaro incentiva atos antidemocráticos, isso é descabido, diz chefe da Lava Jato de SP.** Disponível em: <<https://bit.ly/3kKk5Jp>>. Acesso em: abril de 2020.

OBSERVADORA, bel. **Patriota, cidadão do bem, bandeira do Brasil, camiseta da seleção (amarela)...não posso nem ver. 2 mai. 2020.** Twitter: @observa01925587. Disponível em:

<<https://twitter.com/Observa01925587/status/1256459541321060357>>. Acesso em: julho de 2020.

OLIVEIRA, Nathalia Di. **Punho – cerrado**. Observatório do saber, 05 fev. 2016. Disponível em: <<https://observatorio3setor.org.br/noticias/fundo-brasil-faz-doacao-para-projetos-de-direitos-humanos-2/attachment/punho-cerrado/>>. Acesso em: junho de 2020.

PAULO, Folha de. **Ele não pelo Brasil**. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/30Trhe1>>. Acesso em: abril de 2020.

PAULO, Folha de. **Ao anti-Dilma é o maior da história**. 2016, P1. Disponível em: <<https://bit.ly/3hERrrK>> Acesso em: abril de 2020.

PINTO, Célia Regina Jardim. A trajetória discursiva das manifestações de rua (2013 – 2015). In: SOLANO, Esther; ROCHA, Camila (org). **As direitas nas redes e nas ruas: a crise política no Brasil** São Paulo: Expressão Popular, 2019.

PIRES, Breiller. Camisa da seleção, o símbolo contaminado por rixas ideológicas e as negociatas dos cartolas. El país, São Paulo, 17, jun. 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/16/deportes/1529108134_704637.html>. Acesso em: Março de 2020.

RAMOS, M. Paraíso do Tuiuti: Luzes sobre a manipulação dos patos e paneleiros. **Nossa Política**, 12 fev. 2018. Disponível em: <<https://nossapolitica.et/2018/02/paraiso-tuiuti-patos-e-paneleiros/>>. Acesso em: 14 abr. 2020.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SCHLEE, Aldyr. In: GUIMARÃES, Gustavo; PIAZZI, Giúlia; SCHLEE, Aldyr. **Conversa com AldyrSchlee (parte II): a criação da camisa canarinho e seu recente uso político**. FuLiA / UFMG, v. 3, n. 1, jan.-abr., 2018.

SCHWARCZ, Lilia Mortiz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SOLLANO, Esther; ORTELLANO, Pablo; RIBEIRO, Márcia M. *O ano da polarização?* In: SOLANO, Esther; ROCHA, Camila (org). **As direitas nas redes e nas ruas: a crise política no Brasil**. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

SOLANO, Esther. A bolsonarização do Brasil. In: **Democracia em risco?: 22 ensaios sobre o Brasil de hoje**. São Paulo, Companhia das Letras, 2019.

STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo: a política do “nós” e “eles”**. Trad. Bruno Alexander. Porto Alegre: L&PM, 2018.

TATAGIBA, Luciana. **Entre as ruas e as instituições: os protestos e o impeachment de Dilma Rousseff**. Lusotopie. V. 17, 2018.

TELLES, Helcimara. Corrupção, legitimidade democrática e protestos: o *boom* da direita na política nacional. In: SOLANO, Esther; ROCHA, Camila (org). **As direitas nas redes e nas ruas: a crise política no Brasil**. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

TEMPO, Terceiro. **Geraldo José de Almeida**. Disponível em: <<https://terceirotempo.uol.com.br/que-fim-levou/geraldo-jose-de-almeida-997>>. Acesso em: abril de 2020

TERRA. **Bolsonaro: "prefiro filho morto em acidente a um homossexual"**. 8 jun. 2011. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/bolsonaro-prefiro-filho-morto-em-acidente-a-um-homossexual,cf89cc00a90ea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>>. Acesso em: abril de 2020

UOL. **Em 7 de Setembro, Bolsonaro cita miscigenação, Deus e sombra do comunismo**. São Paulo, 7 set. 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/09/07/bolsonaro-pronunciamento-7-setembro.htm>>. Acesso em: outubro de 2020.

VEJA. Bolsonaro é acusado de racismo por frase em palestra na Hebraica, 6 abr. 2017. Disponível em: **Bolsonaro é acusado de racismo por frase em palestra na Hebraica. Acesso em: junho de 2020**. Sul 21, 27 fev. 2015. Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/politica/2015/02/jair-bolsonaro-diz-que-mulher-deve-ganhar-salario-menor-porque-engravidar>>. Acesso em: junho de 2020

VIANA, Hamanda; GOMES, Pedro Henrique; GARCIA, Gustavo. **'E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê?', diz Bolsonaro sobre mortes por coronavírus; 'Sou Messias, mas não faço milagre'**. G1, Brasília, 28 abr. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/28/e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-mortes-por-coronavirus-no-brasil.ghtml>>. Acesso em: abril de 2020

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Trad. Sheilla Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2018.

VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos resenhas e poemas**. Trad. Sheilla Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.

WEBER, Maria helena et al. Manifestações e votos ao *impeachment* de Dilma Rousseff na primeira página de jornais brasileiros. In: SOLANO, Esther; ROCHA, Camila (org). **As direitas nas redes e nas ruas: a crise política no Brasil**. São Paulo: Expressão Popular, 2019.

ZUKER, Fábio. **Jair Bolsonaro: massa, vírus e poder**. Le monde diplomatique, Brasil, 26 mar. 2020. Disponível em: <<https://diplomatie.org.br/jair-bolsonaro-massa-virus-e-poder/>>. Acesso em: abril de 2020.